VIII.

Igualmente a Provincia, que se estende
Entre as agoas do Tejo, e Guadiana
Do Defensor a voz segue, e defende,
Contra o poder da gente Castelhana;
Da Beira a maior parte a fé lhe rende,
O Porto o serve, Chaves, com Vianna
Se sujeitaõ por força, com Linhares,
E varias outras Villas, e Lugares.

IX.

Mas vendo o Rey contrario quanto cresce
Cada dia o poder do Varaõ forte,
E como a Lusa gente lhe obedece
Despresando o castigo, o risco, a morte,
Temendo, que huma vez se resolvesse
A conferir-lhe em fim mais alta sórte,
Tirar-lhe a vida intenta ambicioso
Pelo meyo mais vil, mais horroroso.

X.

Andava em Portugal refugiado,
Por dissabores, que em Castella houvera,
Do mesmo Rey hum Primo, nomeado
De Trastamara Conde, a quem fizera
O Defensor mil honras, e abonado
Por prendas pessoaes de todos era
No Campo Lusitano, onde servia,
Com mostras de affeiçaõ, e valentia.

Des-

XI.

Deſte ſe vale o Rey para inſtrumento
Da traiçaõ vergonhoſa, que medita,
E perſuadir-lhe o torpe penſamento,
Com promeſſas, e rogos ſolicita;
Que mate o Defenſor hé ſeu intento,
Com disfarce de amigo: a tanto incita
Huma cega paixaõ precipitada,
Quando naõ hé por gloria motivada.

XII.

E ſendo facilmente convencido
O Conde das promeſſas, foi buſcando
Companheiros, de quem foſſe aſſiſtido
Nos perigos de empenho taõ nefando;
Nelle foi brevemente ſocorrido
Por Beça, e por Baldez, que militando
Em Portugal andavaõ, por cautela,
Como o Conde fugidos de Caſtella.

XIII.

Porém ſendo por todos ajuſtado
Matar o Defenſor em qualquer hora,
Que podeſſe encontrar-ſe deſcuidado,
Ou na propria barraca, ou della fóra,
Quiz o Conde, que o Rey foſſe aviſado
Deſte ajuſte por carta, e nella implora
Aſſiſtencia de gente, e Praça certa
Para depois da morte deſcoberta.

XIV.

Mas esta carta, ou fosse por desgraça,
Ou por culpa talvez do mensageiro,
Que com pouca cautela á vista passa
Da guarda de hum valente Cavalleiro,
Foi tomada bem perto já da Praça,
A que marchava, sendo prisioneiro
O portador, e logo confessado
O negocio de que era encarregado.

XV.

Por ella o Defensor foi instruido
Das feyas intençoens do Rey tyrano,
E do projecto infame, que emprendido
Havia o falso Conde Castelhano:
Mas tendo justamente concebido
Todo o devido horror daquelle engano,
Pôde mais no seu peito a bizarria,
Que a vingança, ou temor da aleivosia.

XVI.

Pois sabendo, que o Conde passeava
Do arrayal hum pouco separado,
Ou porque assim melhor aliviava
O desvelo cruel do vil cuidado,
Ou porque allî noticias esperava
Do portador, que havia despachado;
A'quelle mesmo sitio ousadamente
Se dirîge com animo valente.

XVII.

E disfarçando o justo sentimento
Com mostras de brandura, e de alegria,
Os obsequios do Conde acceita attento,
Que se apressa a fazer lhe companhia;
Mas depois que ambos sós, com vario intento,
Apartados se vêm, e já podia
Cada qual livremente, e sem disfarce
Da ventagem do sitio aproveitar-se.

XVIII.

O Defensor os passos suspendendo,
E voltando com gesto socegado
Para o perfido Conde, que entretendo
O hia do seu zêlo, e seu cuidado,
Assim lhe diz: Eu Conde conhecendo
As vossas intençoens, e confiado
Na discriçaõ, que o Ceo com vós reparte,
Quero de hum grave caso dar-vos parte.

XIX.

Eu sei quem infiél á minha vida
Traiçoens maquina com infame engano,
Abusando da honra, e fé devida
Com descredito seu, para meu damno;
Eu posso castigar este homicida;
Mas naõ quizera parecer tyrano;
Dizei-me vós o que em taõ grande aperto,
Imaginais acçaõ de mais acerto.

XX.

Dar-lhe morte cruel, lhe diz o Conde,
Naõ he ponto, que ſeja duvidoſo;
E a meſma morte apenas correſponde
A delicto taõ vil, taõ aleivoſo:
A tyrania ſó ſe accuſa adonde
He injuſto o caſtigo, ou ſuſpeitoſo;
Mas hum traidor, que offende a ſé ſagrada,
Toda a pena, que ſoffre he moderada.

XXI.

Vede bem, continúa o Varaõ fórte,
O que dizeis, o que me aconſelhais,
Que na ſentença, que dictais de morte,
A vós proprio talvez vos condemnais;
A mim, reſponde o Conde, e de que ſórte?
Pois acaſo, Senhor, imaginais,
Que eu poſſa ſer traidor? Se infamemente
Alguem o diz, eu moſtrarei que mente.

XXII.

Vós o dizeis, proſegue ſocegado
O Defenſor, a carta deſcobrindo,
Vede quem vos accuſa, e ſe informado
Eſtou bem das traiçoens, que andais ordindo;
Nós eſtamos em ſitio accommodado
Para o fim, que intentais, pois prevenindo
Eſte voſſo deſejo, eu meſmo venho
A dar prompta occaſiaõ ao voſſo empenho.

Aqui

XXIII.

Aqui me tendes só; dai cumprimento
A' vingança, que tendes promettido;
Que hum homem, como vós, para inſtrumento
De hum golpe occulto foi mal eſcolhido:
Iſto dizendo com brioſo alento,
Da cinta arranca o ferro eſclarecido,
E com elle na maõ eſpera ouſado
A reſpoſta do Conde rebellado.

XXIV.

Mas vendo, que emmudece, e que abatendo
Os olhos, qual de pedra eſtatua fica,
E perturbado do delicto horrendo,
Nem ſe defende, nem ſe juſtifica;
Com geſto irado o ferro ſuſpendendo,
Que penſais, lhe pergunta? aſſim ſe explica
Hum homem, como vós, quando arguîdo
He no Campo de haver mal procedido.

XXV.

Onde eſtá o furor, onde a arrogancia,
Que inculca eſte papel? Se a companhia
De Béça, e de Baldéz, he circunſtancia
Preciſa para o golpe; a cobardia
Faz mais feya a traiçaõ, e ſem jactancia,
Se ſouberem, que em vós falta ouſadia,
Qualquer delles dirá, que o ſeu alento
Era ſó quem vos dava atrevimento.

Con-

XXVI.

Conde ſe o voſſo zêlo, e o voſſo affecto
Por El-Rey de Caſtella, vos provoca
A ſer executor do ſeu projecto,
O riſco deſte empenho a vós ſó toca;
E ſe o temor vos fáz taõ circunſpecto,
Que as voſſas iras em peſares troca,
O Campo he livre agora, a eſtrada aquella,
Que vos póde guiar para Caſtella.

XXVII.

Pois ſe entre os Portuguezes for ſabida
A vil traiçaõ, a feya indignidade,
Com que intentaveis uſurpar-me a vida,
Naõ ſerá facil dar-vos liberdade:
Eu naõ quero vingança mais luzida;
Salvai-vos, ſe quereis, com brevidade:
Iſto dizendo as coſtas foi voltando,
E pela eſtrada o Conde foi marchando.

XXVIII.

Porém logo no Campo divulgada
Foi do Conde a fugida, e logo Béça
Suppondo a vil traiçaõ examinada,
De ſalvar-ſe tractou a toda a preſſa;
O meſmo quiz Baldéz; mas mal lograda
Foi deſte a diligencia; e ſendo expreſſa
A ſua culpa, logo foi punida
Com a pena de morte merecida.

Mas

XXIX.

Mas quando o Defenſor imaginava
Haver cortado o fio dos enganos;
Porque delles capazes ſó julgava
Os falſos coraçoens dos Caſtelhanos,
Se fez patente, que a traiçaõ graſſava
Entre alguns dos mais nobres Luſitanos,
E que della tractavaõ com ſegredo,
Dom Gonçalo, Dom Pedro, e Figueiredo.

XXX.

Dom Pedro ſegue logo os meſmos paſſos
Do Conde desleal para Caſtella,
Os outros dois temendo os embaraços
Da fugida, disfarçaõ por cautela;
Mas rôtos do ſegredo os cegos laços,
Facilmente o myſterio ſe revéla,
E conhecida a pertençaõ perjura
Foraõ metidos em priſaõ ſegura.

XXXI.

Cauſou geral horror eſte ſucceſſo,
Geral indignaçaõ na Luſa gente,
E fez accreſcentar com grande exceſſo
Da gloria Nacional o zêlo ardente;
Pois fazendo mais rapido progreſſo
No coraçaõ de todos, o prudente
Receyo de hum Governo eſtranho, e injuſto,
A providencia ſe éxaltou no ſuſto.

XXXII.

E congregados todos os Prelados,
Toda a Nobreza, e grande quantidade
De gente Popular, determinados
A tratar da ſuprema authoridade,
A' riſonha Coimbra ſaõ chamados,
Para mais regular ſolemnidade,
O Defenſor, e quantos Cavalleiros
O ſeguiaõ com fama de guerreiros.

XXXIII.

Mas chegando já perto da Cidade,
De meninos hum rancho copioſo,
Que em jogos proprios da innocente idade,
Se entretinhaõ no campo deleitoſo,
Correndo com gentil velocidade,
Encontrar vêm o Defenſor famoſo;
Todos juntos clamando em vóz feſtiva
Viva ElRey Dom Joaõ, Dom Joaõ viva.

XXXIV.

Nuno ſe anîma, o Defenſor adora
Da Providencia os paſſos, obſervando,
Como o ſucceſſo correſponde agora
A's palavras do Velho venerando;
Hum ſanto ſuſto o peito lhe devóra,
De Barrocas nas vozes contemplando,
Com quanta luz profetizou ſeguro
Os contingentes caſos do futuro.

XXXV.

E ſendo na Cidade recebido
Com moſtras de affeiçaõ, e de reſpeito,
E com publicos cultos aplaudido,
Do goſto univerſal notorio effeito,
A' morada Real foi conduzido,
Entre obſequios do povo ſatisfeito,
Que movîdo de impulſo mais que humano
O contemplava já por Soberano.

XXXVI.

Mas em quanto dos povos mais diſtantes
Alguns dos Delegados naõ chegavaõ
Para votar nos pontos importantes,
Que as attençoens de todos occupavaõ;
Por divertir deſvelos penetrantes,
Que o bravo coraçaõ lhe atormentavaõ;
Quiz o Varaõ da caça no exercicio
Fazer de algumas horas deſperdicio.

XXXVII.

E procurando os montes mais fragoſos
Da Provincia da Beira, onde eſperava
Lograr golpes mais bellos, mais viſtoſos
Nas bravas féras, que o paîz criava,
Proſeguindo os empenhos deleitoſos
Por diſtancia maior, do que penſava,
O ſurprendeo a noite em hum deſerto
De matos cheio, de arvores coberto.

XXXVIII.

A penas com trabalho, e diligencia
Pôde ganhar hum monte, donde alcança
A viſta já confuſa na apparencia,
De huma caſa, ou cabana a ſimilhança;
Naõ pôde diſtinguir com evidencia,
Ser apriſco, ou caſal; mas na eſperança
De haver caſa de gente allî viſinha,
A'quelle ſitio os paſſos encaminha.

XXXIX.

Hum paſtor o ſeu gado recolhia
Na ruſtica choupana, e perguntado
Se por eſtes contornos haveria
Alguma Villa, Aldeia, ou Povoado;
Lhe reſponde, que pouco diſtaria
Hum pequeno Lugar; mas ſe o cuidado,
Accreſcenta o paſtor, de achar abrigo
He quem vos move, a muito mais me obrigo.

XL.

Eu vos irei guiar a huma Quinta,
Onde achareis albergue mais ſeguro,
Bem que o corpo cançado mal conſinta
Andar deſcalço por caminho eſcuro;
Mas eu conheço a gente pela pinta,
Vós mereceis o bem, que vos procuro:
Aſſim fallando com groſſeiro eſtîlo,
O foi guiando á Quinta de Camillo.

Era

XLI.

Era Camillo cavalleiro honrado
Por naſcimento, e proprias qualidades,
Que de eſperanças vans deſenganado,
Se auſentára da Côrte, e das Cidades;
Neſte ſitio vivia retirado
Do tumulto do Mundo, e nas verdades
Da ſolida moral Filoſofia,
Os aggravos da ſorte divertia.

XLII.

Huma caſa ſem faſto, mas decente;
Hum adorno nem vil, nem precioſo,
Huma familia parca, mas contente,
Hum veſtido nem pobre, nem pompoſo;
Huma meſa modeſta, mas patente,
Hum proceder ſincero, e officioſo
O faziaõ a todos agradavel,
E nos viſinhos póvos reſpeitavel.

XLIII.

Chegado o Defenſor, foi recebido
Com civil attençaõ, com grande agrado;
E ſendo brevemente conhecido,
Com diſtinctos obſequios cortejado;
Camillo, que algum dia tinha ſido
Nos eſtilos da Côrte doutrinado,
Soube moſtrar no goſto, e no reſpeito
Do mais vivo alvoroço o claro effeito.

Alli

XLIV.

Alli paſſou a noite, e conhecendo
A candidez do genio de Camillo,
Alli paſſou dois dias entretendo
As horas todas por ſincero eſtylo;
Ora fructas, e flores eſcolhendo
Das meſmas plantas, ora o ſom tranquillo
Das fontes obſervando, ora a verdura
Do jardim, da campina, e da eſpeſſura.

XLV.

Mas neſtes meſmos ruſticos recreyos,
Nas hortas, nos jardins, e nos pomares,
Nos viveiros, nos boſques, nos paſſeyos,
E nos meſmos trabalhos mais vulgares
Notou o Defenſor alguns aceyos,
Algumas proporçoens particulares,
Que davaõ no ſeu tanto idéa clara
Do bom goſto, de quem as fabricára.

XLVI.

E combinado aquelle penſamento
Com varias reflexoens, que ponderava
Nas acçoens de Camillo, a quem attento
Deſde a noite primeira contemplava,
Sabendo que o ſeu claro naſcimento
A mais altos empregos convidava,
Naõ podia adaptar aquelle eſtado
A's idéas de hum homem cultivado.

Aſſim

XLVII.

Assim o disse por diversas vezes,
Censurando de inutil, e ociosa
Aquella vida, que entre os montanhezes
Desfructava Camillo em paz gostosa;
Dava razoens valentes, mas cortezes
Contra aquella inacçaõ indecorosa,
A que sempre Camillo respondia,
Que o seu destino mais naõ permittia.

XLVIII.

Mas huma noite, que mais vivamente
Foi notado do Principe guerreiro
Aquelle tom de vida de indecente,
Dos deveres de hum nobre cavalleiro;
Rompendo da cautela o vëo prudente,
Que occultava o motivo verdadeiro
Da supposta inacçaõ, em fim Camillo
Se resolve a fallar por este estylo.

XLIX.

Naõ queiras, naõ, meu Principe, as idèas
Formar dos homens pelos seus estados,
Que repetidas vezes saõ alhèas
As suas profissoens dos seus cuidados;
Estaõ os Tribunaes, e Tropas cheas
De Ministros venaes, fracos Soldados;
Lavra a rustica terra alguma gente
De peito puro, de animo valente.

Algum

L.

Algum tracta do publico intereſſe,
Que deſpreza no fundo do ſeu peito;
Outro, que penſar nelle naõ parece,
Sente talvez do zêlo o nobre effeito;
Hum negocios conduz, que naõ conhece;
Outro mais habil vive ſem conceito,
Hum alcança grandezas, que naõ buſca,
As diligencias de outro a ſorte offuſca.

LI.

Eu fui por largos annos combatido
De hum deſejo de gloria extraordinario;
E para ſer no Mundo conhecido,
Obrei quanto entendi ſer neceſſario;
Eſtudei, porém fui mal attendido,
No conceito da Côrte ſempre vario;
Quiz dedicar a Marte o meu ſocego,
Mas naõ pude nas armas ter emprego.

LII.

Deſenganado em fim, que naõ podia
Diſtinguir-me do Mundo no tumulto,
Que os meus nobres projectos abatia,
Com deſprezo fatal, com triſte inſulto;
Vendo como a fortuna aborrecia
Os ſacrificios deſte indigno culto,
Levado de hum ardor impaciente,
As coſtas lhe voltei groſſeiramente;

Deſte

LIII.

Deſte modo julguei, que me vingava
Dos ſeus cegos caprichos ignorantes,
Crendo, que as attençoens, que lhe negava;
Eraõ nos ſeus altares importantes;
Tanto naquelle tempo me cegava
O juvenil ardor, taõ arrogantes
Saõ os diſcurſos da primeira idêa,
Com que amor proprio a todos liſongea!

LIV.

Porém hoje, que o genio já maduro
Pelo decurſo de mais largos annos,
E pela luz de algum eſtudo puro
Sobre as paixoens mais proprias dos humanos;
Pode fazer juizo mais ſeguro,
Pode alcançar mais claros deſenganos,
Outras ſaõ as razoens, porque preſiro
A's grandezas do Mundo o meu retiro.

LV.

Sei, que os homens na ſumma Providencia
Tem o proprio deſtino aſſignalado,
E que a peſar de toda a diligencia
Devem cumprir os termos de ſeu fado;
Sei, que da ſorte a varia contingencia
Ninguem póde emendar acautelado;
Mas que tudo o que ordena o Ceo propicio,
He certamente em noſſo beneficio.

He

LVI.

He preciſo, que o Mundo ſe divida
Em varias condiçoens, que mutuamente
Se ſoccorraõ, e ajudem com devida
Proporçaõ no trabalho competente;
Naõ póde ſer a todos concedida
A diſtincçaõ de hum gráo mais eminente;
Mas pode cadaqual no ſeu eſtado
Alcançar dignamente hum nome honrado.

LVII.

O Monarca no Trono repartindo
A juſtiça nos póvos, que domina,
O General no Campo difundindo
O terror nas Provincias, que arruina,
O Miniſtro na Côrte diſcutindo
Os negocios, que a Patria lhe deſtina,
Todos ſaõ grandes, todos ſaõ famoſos
Se cumprem ſeus encargos glorioſos.

LVIII.

O Poeta, que em vivas apparencias
Retrata dos Heróes as acçoens claras,
O bom Hiſtoriador, que as evidencias
Das memorias conſerva mais avaras,
O Filoſofo douto, que as ſciencias
Explica, e adorna de noticias raras,
Tambem ſaõ grandes, tambem ſaõ louvados
Pela nobre attençaõ dos ſeus cuidados.

O

LIX.

O Cidadaõ, que educa dignamente
A familia, que á Patria sacrifica,
O Lavrador, que a terra diligente
Em proveito geral rompe, e fabrica,
O Artista, que á obra competente
A fim util, e justo se dedica,
Saõ tambem dignos, saõ tambem louvaveis
Nos seus mesmos trabalhos incansaveis.

LX.

Naõ saõ sómente as armas quem produzem
As honras, que os Varoens eternizáraõ;
Nem sómente a batalhas se reduzem
As acçoens, que seus nomes conservaraõ;
Varios meyos á gloria nos conduzem,
Que Alexandre, nem Cesar naõ gozáraõ
Mais constante respeito, mais sincero,
Doque goza Virgilio, e goza Homero.

LXI.

Em qualquer condiçaõ, qualquer estado,
Ou humilde, ou sublime, a gloria pura
Descobre a sua luz; hum peito honrado
A segue sempre na mayor altura,
Ou na mais baixa sorte, e o mesmo agrado,
A pesar da desgraça, ou da ventura,
Tem sempre nos seus olhos revestida
De nobre adorno, ou por si só despida.

LXII.

A virtude, que faz o fundamento
Neceſſario da gloria verdadeira,
Nem póde nas fortunas ter augmento,
Nem ſe abate na ſorte mais groſſeira,
Invariavel ſempre o ſentimento
Da honra pura, da verdade inteira
Regúla o coraçaõ do Varaõ forte,
Em qualquer condiçaõ da meſma ſorte.

LXIII.

Ama o Rey, ama a Patria, ama a Juſtiça,
Ama os ſeus ſimilhantes, e aborrece
Os inſultos, as fraudes, a cobiça,
A vil vingança, o ſordido intereſſe;
Deteſta o ocio torpe, a vã perguiça,
As intrigas infames naõ conhece,
Nem oſtenta ambiçaõ, nem deſalento,
A' ſua obrigaçaõ ſómente attento.

LXIV.

Satisfeito da ſorte concedida,
Nella vive goſtoſo, e ſocegado;
Nem inveja fortuna mais luzida,
Nem procura lugar mais ſublimado;
Nos ſeus proprios deveres entretida
Toda a ſua attençaõ, o ſeu cuidado
He ſómente obrar bem, e naõ repara
Nas cegas illuſoens da gente avara.

Em

LXV.

Em quanto a mim naõ tenho por caſtigo
Eſte modo de vida, que aqui paſſo,
Antes como favor do Ceo amigo,
Deſte eſtado me alegro, e ſatisfaço;
Aqui vivo mais longe do perigo,
Da deſordem, do engano, e do embaraço,
Com que as Côrtes enredaõ triſtemente
Hum peito puro, hum animo innocente.

LXVI.

Aqui naõ vejo o torpe fingimento
Do vil adulador, o feyo engano
Do traficante aſtuto, o ſoffrimento
Do triſte pertendente, o ar tyrano
Do ſoberbo Miniſtro, o deſalento
Do pobre deſpreſado, o geſto inſano
Naõ vejo do disfarce, com que ilinde
A falſidade os paſſos da virtude.

LXVII.

Aqui da propria côr da natureza
As paixoens ſe reveſtem, vêm-ſe os peitos
Nos ſemblantes pintados; a fraqueza
Apparece tremendo, os ſeus effeitos
Naõ encobre a vingança; e com pureza
Se annunciaõ deſpreſos, e reſpeitos,
Se manifeſta a boa, ou má vontade,
Os impulſos do odio, ou da amiſade.

LXVIII.

Aqui ſe paſſa o dia ſem cuidado,
Aqui a noute ſem temor ſe paſſa,
No puro, natural, ſincero eſtado,
Que o candido prazer naõ embaraça:
Aqui contemplo o campo matizado
De flores naturaes, com tanta graça,
Que o mais habil pincel já mais figura
Tantas côres diverſas na pintura.

LXIX.

Vejo naſcer a fonte graciosa,
O regato formar, que fertiliza
A viſinha campina deleitoſa;
Vejo como ſe augmenta, e formaliza
Já ribeira mais groſſa, e caudeloſa,
E rio em fim, que as margens tyraniza;
Vejo veſtir de folha o tronco bruto
Brotar a flor, e produzir o fructo.

LXX.

Vejo das plantas no fecundo ſeyo
Por deſtra maõ aberto ſubtilmente,
Creſcer, ſem repugnancia, o ramo alheyo,
Adornar-ſe de pomo incompetente;
Vejo romper a terra ſem receyo,
Pelo curvo inſtrumento, e brevemente
Cobrir de verde a face da lavoura,
Creſcer, e ſazonar-ſe a eſpiga loura.

Vejo

LXXI.

Vejo das aves, vejo dos inſectos
Os polidos trabalhos regulados
Por maõ da natureza, e taõ complectos,
Que podem ſer dos homens invejados;
Os curioſos ninhos, os ſecretos
Artificios dos fios delicados,
E os exemplos fieis, com que aconſelha
A próvida formiga, a ſabia abelha.

LXXII.

Vejo dos lavradores as fadigas,
Com agradaveis lucros alternadas;
Ouço dos pegureiros as cantigas,
Com ſylveſtre cadencia moduladas;
Obſervo de huns, e de outros as intrigas,
Sómente a fins honeſtos ordenadas;
E me entretenho em ver ſuas diſputas,
Suas trovas, ſeus jogos, ſuas lutas.

LXXIII.

Eu meſmo, neſtes jogos innocentes,
Neſtas diſputas vans, ruſticas trovas,
Incito emulaçaõ nos combatentes,
Miniſtro a ſeu deſvelo ideas novas;
Elles me ouvem ſinceros, e contentes,
E me rendem de amor goſtoſas provas,
Com verdadeiras moſtras de reſpeito;
Mas deſte em ſeu favor ſó me aproveito.

LXXIV.

Se ſuccede talvez que a venenoſa
Semente da diſcordia o fructo puro
Opprime da innocencia, ſe a raivoſa
Vingança, ou vil cobiça o vulto eſcuro
Aqui deſcobrem, logo a cuidadoſa
Providencia lhe applico, e lhe aſſeguro
A perturbada paz, ſem mais violencia,
Que moſtrar-lhe a razaõ com evidencia.

LXXV.

Eu reprimo com pura liberdade
Os orgulhos de alguns mais atrevidos,
Sem valer-me de mais auctoridade,
Que dos meus bons deſejos conhecidos:
Todos ſabem, que eu tracto com verdade
A todos igualmente; e convencidos
Deſte conceito, quaſi ſempre alcança
O meu arbitrio a ſua confiança.

LXXVI.

Já mais tomo partido, ou intereſſe
Nos negocios do povo, ou da juſtiça,
Eſta reſpeito, aquelle naõ merece
Os ſoccorros da luz, que deſperdiça;
Do poder da razaõ, que naõ padece
Os ultrajes da força, ou da cobiça,
Sómente me auctorizo, e neſte eſtado
Vivo contente, vivo ſocegado.

Mas

LXXVII.

Mas hum homem, que penſa nobremente,
Reſponde o Defenſor, naõ imagina
Ser naſcido no Mundo ſimpleſmente,
Para viver inutil; nem deſtina
Os ſeus talentos ocioſamente
A paſſar ſem cuidado: a honra enſina,
Que a Patria, que nos deu o naſcimento,
Pede de nós hum zêlo mais attento.

LXXVIII.

A honra, diz Camillo, he ſem diſputa
Inimiga do ocio; mas deteſta
Naõ menos as intrigas; quem eſcuta
Os ſeus dictames, nunca manifeſta
Repugnancia a ſervir; mas naõ tributa
Indecencias ao zêlo, e com modeſta
Diligencia, e trabalho ſe habilita
Para os cargos, mas naõ os ſolicita.

LXXIX.

Na verdade o caracter generoſo
De huma alma grande, de hum illuſtre peito,
Naõ ſe ſerve do eſtylo indecoroſo,
A que o genio da Côrte eſtá ſujeito;
Naõ rende hum culto infame, e vergonhoſo
A' liſonja; naõ vota o ſeu reſpeito
A's imagens indignas da vaidade,
Do favor, do poder, da dignidade.

Naõ

LXXX.

Naõ ſe ſujeita á cega irreverencia
De incenſar a perfidia, a tyrania,
A vil ingratidaõ, a inſolencia,
A torpeza, o engano, a hypocreſia;
Naõ ſe abate aos exceſſos da indecencia
De adular a familia, a companhia,
E ſervos dos Miniſtros; e ſem iſto
Nimguem pode dos Grandes ſer bemquiſto.

LXXXI.

Eu aſſiſtî na Côrte de Fernando
Alguns annos com firme penſamento
De render-lhe ſerviço, acreditando
A virtude por baſe, e fundamento;
Mas o tempo me foi deſenganando;
E depois de maior conhecimento,
Vî, que a virtude, a honra, e probidade
Naõ ſerviaõ allî de utilidade.

LXXXII.

O favor cegamente diſpenſava
Os deſpachos, e graças, ſem reſpeito
A coſtumes, ou prendas: quem lograva
Alguma protecçaõ, tinha direito
A quantas pertençoens ſolicitava,
Quem a naõ tinha, eſtava no conceito
De inutil, e incapáz dos beneficios,
Dos empregos, das honras, dos officios.

As

LXXXIII.

As intrigas, funeſta conſequencia
De hum Governo remiſſo, e deſcuidado;
Graſſavaõ ſem limite, e da indecencia
Das illuſoens o Solio era cercado:
A vil mentira, a cega complacencia,
A ſervil ſujeiçaõ, o deſcarado
Fingimento, e ambiçaõ mais importuna
Eraõ ſó os degráos para a fortuna.

LXXXIV.

O meu genio fiel, ſincero, e puro,
Apaixonado amante da verdade,
Naõ podia firmar paſſo ſeguro
Neſte abiſmo de horror, e falſidade;
Perdi-me ſempre neſte engano eſcuro,
Por ſeguir da razaõ a claridade,
Fui deſprezado, e hoje naõ me pêſa
Deſſe deſprezo, e deſta ſingeleza.

LXXXV.

Venturoſo mortal, que ſem inveja,
A tua ſórte julgas por ditoſa!
Exclama o Defenſor, o Céo te ſeja
Sempre propicio; o teu ſocego goza,
Pois que tanto te agrada: em ti ſe veja
Na conſtante alegria, e pas formoza
Hum exemplo felîz, de que a ventura
No deſprezo das honras ſe aſſegura.

Iſto

LXXXVI.

Iſto dizendo; nos robuſtos braços
Aperta de Camillo o puro peito,
E lhe aſſegura neſtes doces laços
Hum eterno penhor do bom conceito:
Communica-lhe os grandes embaraços,
A que o ſeu nobre emprego eſtá ſujeito;
E no reſto da noite largamente
Diſcorrem no paſſado, e no preſente.

LXXXVII.

Mas apenas os nitidos fulgores
Da matutina lúz ſe diviſáraõ,
E das aves os muſicos clamores,
A chegada da Aurora annunciáraõ,
O grande Defenſor, a quem maiores
Penſamentos o ſôno embaraçáraõ,
Deſpedir-ſe pertende, o beneficio
Agradecendo do ſincero hoſpicio.

LXXXVIII.

Quiz Camillo fazer-lhe companhia;
Mas o Varaõ illuſtre o naõ conſente,
E partindo com moſtras de alegria,
A Coimbra caminha diligente;
Mas occupada a clara fantaſia
Das raſoens de Camillo, e da prudente
Conducta, com que a ſua independencia
Dominava do fado a influencia.

Con-

LXXXIX.

Contemplando nos ſuſtos, e cuidados,
Nos perigos, e riſcos furioſos,
Nos trabalhos frequentes, e peſados,
Nos precipicios varios, e eſpantoſos,
A que eſtavaõ ſujeitos, e obrigados
Os ſeus grandes projectos glorioſos,
E na triſte inconſtancia dos ſucceſſos
A peſar dos mais proſperos progreſſos.

XC.

Hum pouco commovido, e vacilante
Nas illuſtres ideas, que tractava
No grande penſamento; e que a brilhante
Influencia da gloria lhe inſpirava,
Comſigo meſmo incerto, e a cada inſtante
Mais duvidoſo o ponto diſputava,
Se devia ſeguir a fama incerta,
Ou buſcar do ſocego a porta aberta.

XCI.

E fatigado deſtes penſamentos
Se entregou de Morfeo nos doces braços
Entre quatro carvalhos corpulentos,
Do Sol ardente freſcos embaraços;
Mas o Genio, que tracta dos augmentos
Da gloria Portugueza, e ſempre os paſſos
Obſerva do Varaõ, a quem preſente
Acompanha, e ſoccorre diligente.

Em

XCII.

Em ſonhos lhe apreſenta o vulto amado
Do terno Affonſo, fructo deleitoſo
Dos amores de Ignez, acompanhado
De outro vulto, mas feyo, e pavoroſo;
Eſtava o claro Infante ameaçado
Dos ultrajes do monſtro indecoroſo;
E quando no ſeu riſco ſe affligia,
Huma vóz eſcutou, que aſſim dizia.

XCIII.

Se te naõ move a gloria promettida
A' nobre deſcendencia, que o Ceo claro
Te deſtina; mas hoje conhecida
Naõ póde ſer de ti; ſe em ſeu amparo
Naõ queres arriſcar a fragil vida,
Os vaons prazeres, o ſocego avaro,
Mova-te o Filho, que aqui vêz preſente,
Que a ſórte tem da tua dependente.

XCIV.

Com elle o fado liberal ſe oſtenta,
Se tu meſmo naõ fruſtras as bonanças;
Pois que nelle, e ſeus filhos accreſcenta
A firmeza das Luſas ſeguranças;
Na ſua deſcendencia o Ceo ſuſtenta
A Portugal ſegundas eſperanças
De liberdade contra o vaõ projecto
Do poder Heſpanhol já mais complecto.

Ou-

XCV.

Outro Joaõ naõ menos venturoſo
Delle procederá, que o Trono Luſo
Há de livrar do jugo injurioſo,
Do tyrano poder já nelle intruſo;
Mas em quanto no Solio poderoſo
Naõ for do teu Affonſo o ſangue incluſo,
Naõ menos gloria a ſórte lhe prepara
De Bragança na Caſa ſempre clara.

XCVI.

Eſta ſerá naõ ſó na Luſa terra;
Mas nos Reynos eſtranhos reſpeitada
Com quantas preeminencias goza, e encerra
A grandeza mayor, mais elevada;
Eſta ſempre ſerá na paz, na guerra
Com egregios Varoens condecorada;
Mas para acreditar o ſeu deſtino
Baſta ſómente o grande Conſtantino:

XCVII.

Conſtantino, por quem o Indo eſpera,
Damaõ ſe aſſuſta, treme o Reyno injuſto
De Jafanapataõ, por quem ſe altera
O Gentio feróz, o Mouro aduſto;
A cega geraçaõ, a gente féra,
Que os Altares conſagra a torpe buſto,
A quem ha de enſinar no deſperdicio
A pia execraçaõ do ſacrificio.

XCVIII.

Vê tu, se queres, no socego indigno
De huma vil inacçaõ, indecorosa,
Frustrar tanto favor do Céo benigno,
Mal lograr tanta fama gloriosa:
Esse que vês alli Monstro maligno,
Que ameaça de Affonso a luz mimosa,
He o triste Descuido, que a ventura
Mais brilhante converte em sombra escura.

XCIX.

Segue agora, se queres, seus dictames
Em despreso da gloria concedida,
E do vil ocio nas prisoens infames
Consume tristemente a chara vida;
Mais Defensor da Patria te naõ chames,
Nem da prole te lembres promettida,
Se tanto teus desejos lisonjea
Huma triste inacçaõ escura, e fea.

C.

Calou-se a voz: os vultos apparentes
Se desvanecem, qual a sombra escura
Se desfáz entre os rayos refulgentes,
Na presença do Sol, ou da luz pura,
O Varaõ despertou; mas taõ presentes
As fingidas imagens lhe figura
A fatigada idêa, que acordado
Inda busca de Affonso o vulto amado.

CI.

E ſuppoſto que em fim ſe deſengana
Ser tudo ſonho, tudo fingimento;
Nem por iſſo do ſuſto a dôr tyrana
Em páz lhe deixa o claro penſamento;
Já lhe parece, que o valor profana
Com brandas illuſoens de abatimento,
Já ſe accuſa de froxo; porque déra
Attençaõ de Camillo á voz ſincera.

CII.

E de novo nas chamas abrazado
Do deſejo da gloria, e fama eterna,
Que he quem ſempre no riſco mais peſado
Os penſamentos dos Heróes governa,
Naõ ſoffrendo demoras no cuidado,
Que lhe accreſcenta inſpiraçaõ ſuperna,
Monta a cavallo, e cheio de ouſadia
A' riſonha Coimbra os paſſos guia.

FIM DO CANTO VIII.

A LIBERDADE.

CANTO IX.

ARGUMENTO.

A LIBERDADE.

CANTO IX.

ARGUMENTO.

CONGREGADOS os Prelados, a Nobreſa, e os Procuradores dos Povos, e junta a Naçaõ em Côrtes, Joaõ das Regras famoſo Juriſconſulto faz huma larga falla ao Congreſſo, em que explica os principios da Sociedade Civil, a origem do Poder Soberano, as diverſas qualidades delle as varias Conſtituiçoens dos Eſtados, e a particular de Portugal. Moſtra que eſte Reyno he de legitima ſucceſſaõ; mas pertende provar, que naõ ha legitimos Succeſſores dos ultimos Reys, que devam juſtamente pertender a Coroa Portugueza. Para iſto impugna o Direito do Rey de Caſtella, e da Raynha ſua Mulher: intenta moſtrar, que

esta naõ he Filha legitima do Senhor Rey D. Fernando, pela nullidade do casamento de sua Mãy, e por outras razoens: que esta Princeza naõ he legitimamente casada com El-Rey de Castella; e que no caso de faltarem todas estas nullidades, tinhaõ perdido aquelles Reys toda a justiça, que podessem ter á succeſſaõ de Portugal, pelos mesmos Tractados, em que fundavaõ a sua pertençaõ; pois haviaõ faltado ás condiçoens ajustadas, e incorrido nas penas, que elles mesmos se imposeraõ. Depois pertende o Doutor provar, que os Principes Filhos da Senhora D. Ignez de Castro, naõ foraõ legitimos Filhos do Senhor Rey D. Pedro, e para isto intenta impugnar a realidade do casamento dos Pays, e mostrar, que ainda no caso de ter sido effectuado, seria nullo o tal casamento; tirando por conclusaõ de todo o seu discurso, que o Trono Portuguez se acha verdadeiramente vago, que o direito de eleger Rey pertence aos Povos, e que o Estado alli congregado póde eleger a seu arbitrio. Depois aponta as bellas qualidades, e prendas do Defensor, as obrigaçoens, que lhe deve o Reyno, e as esperanças, que nelle póde fundar. A mayor parte do Congresso parece aplaudir esta opiniaõ; porem Martim Vasques falla a favor dos

dos Filhos da Senhora D. Ignez com valente reſoluçaõ, e ſe alteraõ taõ variamente os animos, que nada ſe póde rezolver por aquella vez. Em tanto o Genio infernal, vendo a occaſiaõ opportuna, ſe vale da Diſcordia para que vá perturbar as idéas do Congreſſo. Falla a Diſcordia a Martim Vaſques, e havendo inflamado o coraçaõ de Vaſques, e ſeus partidarios, paſſa a commover o peito do grande Nuno, a quem irrita de ſorte, que projecta matar a Vaſques, e para iſto falla ao Defenſor, que deteſta ſimilhante propoſta, e o reprehende de taõ baixo penſamento. Ajunta-ſe de novo o Congreſſo, e ſe embaraça cada vez mais a duvida; mas chegando a fallar Affonſo Domingues de Aveiro, Procurador de Coimbra, pondéra as razoens de hum, e outro partido; abona humas, e impugna outras; conſidera o eſtado preſente do Reyno; e moſtra finalmente a preciſaõ indiſpenſavel de eleger hum Rey, e que eſte deve ſer o Defenſor.

A LIBERDADE

CANTO IX.

I.

JÁ promptos em Coimbra os Deputados
Das Cidades, e Villas mais famoſas,
Os Fidalgos, os Grandes, os Prelados,
E da Plebe as peſſoas mais zeloſas,
Em fórma de Comicios congregados,
Quaes de Roma nas eras glorioſas,
Se diſpunhaõ com brava confiança
A regular do Reyno a ſegurança.

Di-

II.

Dizia-se com plena liberdade,
Que o Trono estava vago; que o direito
De conferir a Regia Dignidade
Era proprio do Estado, e que em defeito
Da legitima antiga auctoridade,
Aquem o Reyno todo era sujeito,
O poder, que dos Povos procedera,
Aos mesmos outra vez se revertera.

III.

Destas grandes idéas possuidos,
E do zêlo da gloria Portugueza,
Ou de occultos influxos commovidos,
Com que animava o Céo a dura empreza,
Em severos Juizes erigidos,
Da pertençaõ mais alta da grandeza,
Os Povos inquietos fluctuavaõ
Sobre a nova eleiçaõ, que meditavaõ.

IV.

Huns nos Filhos de Ignez justiça bella
Descobriaõ, com fórtes fundamentos;
Outros tem na Raynha de Castella
Occupados os altos pensamentos;
Huma parte da gente se desvela
Em frustrar da contraria os argumentos;
Mas os mesmos partidos mais opostos
No Defensor os olhos tinhaõ postos.

Che-

V.

Chegado em fim o tempo, em que devia
Diſputar-ſe a queſtaõ publicamente
Na Aſſemblea geral, que pertendia
Ser Tribunal no caſo competente;
Joaõ das Regras, Varaõ em quem ſe unia
Huma vaſta ſciencia ao mais patente
Zêlo pela Naçaõ, com firme aſpecto,
Aſſim rompe o myſterio do projecto.

VI.

Fortiſſimos Varoens, em quem o nobre
Amor da Patria, e publico intereſſe
Taõ conſtante, taõ puro ſe deſcobre,
Que as antigas façanhas eſcurece;
Se hum peito fraco, ſe hum diſcurſo pobre
De hum Cidadaõ fiel, que reconhece
Os ſeus devêres, e prezar proteſta
O nome Portuguez, vos naõ moleſta.

VII.

Permittî, que eu exponha ſem diſfarce,
A's voſſas attençoens, o deſamparo,
Em que o Reyno ſe obſerva, ſe explicar-ſe
He neceſſario hum mal, que eſtá taõ claro;
Ponderemos ſe póde acautelar-ſe
O tyrano rigor do fado avaro,
Que parece deſtina a Luſa gloria
A perder-ſe das gentes na memoria.

Vos

VIII.

Vós ſabeis todos, nem alguem duvîda,
Que todo o corpo para ſer perfeito,
Cabeça deve ter, em que rezida
De reger os mais membros o direito;
Eſte corpo, que Eſtado ſe appellîda,
Segue a regra geral, e no conceito
De Politico Corpo, huma cabeça
Preciſamente he força, que conheça.

IX.

Em quanto os homens poucos, e groſſeiros
Viveraõ livres, e ſem ley, formava
Cada Familia hum Corpo, e dos primeiros
Reſpeitos, como Chefe, o Pay gozava;
Porém logo depois que os verdadeiros
Principios da Policia, a gente brava
Conheceo com mais luz, foi neceſſario
Novos Corpos formar por modo vario.

X.

Nelles todos os membros congregados
Em commum beneficio mutuamente,
Para ſerem ſervidos, e abonados
Huns dos outros, em fórma competente,
Nos illuſtres objectos occupados
De huma vida civil, conveniente
A' doce condiçaõ de gente amiga,
Foi preciſo alterar a regra antiga.

XI.

O receyo dos riſcos imminentes,
Aſ triſte ſolidaõ, falta de amparo,
Na ſoberba cruel dos inſolentes,
Na vil cobiça de hum viſinho avaro,
Nas impunes acçoens dos delinquentes,
Nos inſultos, e fraudes, ſem reparo,
Foi a cauſa primeira, ou fundamento
Deſte Corpo, ou civil ajuntamento.

XII.

E ſendo indiſpenſavel, que tiveſſe
Hum tal Corpo Cabeça reſpeitavel,
Que dirigir, que regular podeſſe
Os progreſſos da vida Sociavel,
Foi preciſo, que nella depozeſſe,
Com pura demiſſaõ inalteravel,
Cada qual o poder, que poſſuîa
Sobre ſi, ſobre os filhos, que regia.

XIII.

Foi preciſo ceder da liberdade
Do eſtado natural, e do direito
Da primittiva origem da igualdade,
Que competia a todos, no conceito
Procedido da propria dignidade
De homens livres, fazendo mais perfeito
Aquelle ſacrificio a nobre idea
De abonar mutuamente a ſorte alhea.

XIV.

Daqui vem o poder illimitado
Das Republicas, Reys, Imperadores,
E de outros Chéfes de qualquer eſtado
Reconhecidos nelle por Senhores;
Com qualquer deſtes nomes reſpeitado
O ſupremo poder dos Regedores
Conſtitue a Cabeça veneravel
De todo, e qualquer Corpo Sociavel.

XV.

Eſta Cabeça, ou ſeja ſimpleſmente
Hum ſó homem, ou ſejaõ mais unidos
No ſupremo Poder independente,
Hé quem governa os membros repartidos:
Sem ella naõ ſe anima a competente
Aura vital dos Reynos mais luzidos,
Sem ella os membros de qualquer Eſtado
Tem todo o ſeu vigor deſalentado.

XVI.

Nella conſiſte a força Soberana,
Que premea, caſtiga, e determina
As acçoens principaes da eſpecie humana,
Que a viver civilmente ſe deſtina;
Nella tem protecçaõ a vîl cabana,
O Palacio dourado, a ſeda fina,
O ruſtico burél, o paſtor pobre,
O Miniſtro, o Soldado, o Grande, o Nobre.

Dels

XVII.

Della depende toda a economía
Do Politico Corpo, que deſcança
Na ſua providencia, e lhe confia
Os cuidados da propria ſegurança;
Ella goza o Poder, que competia
A todos geralmente, e que a eſperança
De ſer mais juſtamente praticado,
Lhe fez ceder por bem de todo o Eſtado.

XVIII.

Eſſe grande Poder foi conferido
Variamente, confórme a natureza
Do Governo; por muitos repartido,
Ou entregue á prudencia, e fortaleza
De hum ſó homem; ſó deſte poſſuido,
Ou vinculado com maior firmeza,
Na ſua deſcendencia, mas conſtante
Irrevogavel, firme, e dominante.

XIX.

Os que tem ſó por annos, ou por vida
Eſte Poder, e fica dependente
A ſucceſſaõ da honra concedida,
Dos ſuffragios do Povo novamente,
Saõ Cabeça do Eſtado conhecida;
Mas no termo preſcripto ſimplesmente,
Paſſado o qual, o Povo tem direito
A pôr no ſeu lugar qualquer ſugeito

XX.

Os que alcançaõ aquella dignidade
Por ſucçeſſaõ, e gozaõ do direito
De tranſmittir a ſumma auctoridade
A' ſua deſcendencia, ſem reſpeito
A ſuffragios do Povo, a faculdade
Tem de imperar ſeguros no conceito,
De que devem achar nos ſeus Eſtados
A meſma ſujeiçaõ, que os ſeus paſſados.

XXI.

Deſte numero ſaõ os glorioſos
Monarchas Portugueſes ſem diſputa,
A cujo ſangue os cultos reſpeitoſos
Da fé mais pura o noſſo amor tributa;
A legitima prole dos famoſos
Reys primitivos, ſem queſtaõ, desfructa
O Governo do Eſtado; mas agora
Em confuzaõ mais triſte ſe labora.

XXII.

Qual ſeja aquella prole, ou ſe em verdade
Hoje alguma ſe dá, que juſtamente
Se atribúa taõ alta qualidade,
He o ponto da duvida preſente:
Eu direi o que ſei, com liberdade;
Com ella cada qual diga o que ſente,
Que em materia taõ grave naõ he juſto,
Que ſe attenda amizade, ou odio, ou ſuſto.

Por

XXIII.

Por morte de Fernando, extincta a linha
Dos auguſtos Varoens, a quem fiado
O leme do Governo o Reyno tinha,
Do grande Affonſo o ſangue venerado;
Reſta ſó de Caſtella na Raynha,
Ou nos filhos de Ignez; porém manchado
Com ſombras taes, defeitos taõ patentes,
Que pouco, ou nada abona os pertendentes.

XXIV.

No que tóca á juſtiça da primeira,
Por Filha de Fernando, he couſa clara,
Que ella fora a mais certa, e verdadeira,
Se dignamente della ſe abonára;
Ser a Filha dos bens do Pay herdeira
Naõ he couſa taõ nova, nem taõ rara,
Que podeſſe metter-ſe em argumento
A juſtiça daquelle fundamento.

XXV.

Mas a ſórte fatal deſta Princeza,
Digna de melhor Mãy, melhor Marido,
Lhe embaraça o direito, que á grandeza
Da ſua qualidade era devido:
Ella o perde primeiro na incerteza
De legitima Filha haver naſcido,
E depois no Conſorcio inceſtuoſo,
Que contrahio com inconceſſo Eſpoſo.

Que

XXVI.

Que a Raynha de Heſpanha ſe naõ deva
Legitima dizer, he taõ patente,
Que duvido, que alguem já mais ſe atreva
Hum ponto a conteſtar taõ evidente;
Naõ ſerá neceſſario, que ſe eſcreva
Dilatado papel, ou que eloquente
Orador, com diſcurſos elegantes,
Manifeſte verdades taõ conſtantes.

XXVII.

Vós Senhores ſabeis, que o caſamento
De Fernando ſó teve na apparencia
O Sagrado valor de Sacramento,
Sendo hum ſimples rebuço da violencia;
O cego amor, que fez o fundamento
Deſte abſurdo fatal, deſta indecencia
Romper podia as Leys; mas naõ podia
Legitimar á força, que fazia.

XXVIII.

A Raynha no tempo, que Fernando
Por Mulher a tomou, era caſada,
E bem claro ſe moſtra, que durando
O primeiro Conſorcio, embaraçada
Para ſegundo eſtava, e que abuſando
O Rey do ſeu poder, contra a jurada
Fé do laço Sagrado, eſcurece-lo
Podia ſim, mas nunca diſſolve-lo.

Ser

XXIX.

Ser casada a Raynha he taõ constante,
Taõ notorio, taõ certo, e taõ sabido,
Que naõ creyo, que alguem haja ignorante
De hum taõ publico facto; e se arguido
Foi de alguns, como nullo, e repugnante
A's Canonicas Leys, por contrahido
Entre parentes; estes dispensados
Foraõ da Santa Sé nos grãos vedados.

XXX.

Naõ fallo do pretexto impertinente
De naõ ser consumado este Contracto;
Que a Raynha affectou astutamente
Por fazer seu amor ao Rey mais grato;
Pois Alvaro da Cunha aqui presente,
Fructo deste Consorcio, o mais exacto
Testemunho he daquella circunstancia,
Abonada do Pay sem repugnancia.

XXXI.

Mas quando ser podesse dissolvido
O primeiro Contracto, ou Sacramento,
O que ser naõ podia, he bem sabido,
Que restava com tudo impedimento:
O primeiro Marido conhecido
Primo de ElRey, fazia o casamento
Segundo incestuoso, e mal podia
Hum taõ torpe Contracto ter valia.

Podé-

XXXII.

Podéra accreſcentar á nullidade
Daquelle Matrimonio algum defeito
Na Princeza, que a pouca lealdade
Da Máy deſcobre; mas no meu conceito
Naõ tem valor a vil malignidade
Das calumnias do Povo, e ſem reſpeito
A torpes detracçoens, direi ſómente
Os defeitos do laço incompetente.

XXXIII.

O Rey de Heſpanha Tio em gráo terceiro
Era deſta Princeza, nem podiaõ
Contrahir Matrimonio verdadeiro
Taes parentes, que bem ſe conheciaõ;
E ſuppoſto, que o voto liſongeiro
Dos que aquelle Conſorcio defendiaõ,
Allegue a ſeu favor certa diſpenſa,
Nada póde ſervir-lhe de defenſa.

XXXIV.

Eſta graça naõ he de algum proveito
Para a firmeza do Sagrado laço,
Porque falta o poder, falta o direito
Em quem ſoltar queria eſte embaraço;
O legitimo Papa, que o defeito
Só podia emendar com forte braço,
Armado do poder do Omnipotente,
Nem diſpenſou, nem ſe lhe fez patente.

Do

XXXV.

Do intruſo Antipapa aquella graça,
Ou fantaſtico indulto foi firmado,
Porque aquelle Monarcha por deſgraça
Se fez ſeu partidario declarado,
E bem longe de que ella ſatisfaça
Aquelle impedimento ponderado,
Outros novos lhe argúe, e manifeſta
Contra o direito, que orgulhoſo atteſta.

XXXVI.

O meſmo Papa em pena deſte crime,
E do Sciſma nefando, que protege
Eſte Principe cego, nos exime
Da ſua ſujeiçaõ; e como herege
Nos ſeus proprios Eſtados lhe ſupprime
O dominio ſupremo, com que rege
Erradamente os Povos; mas tractemos
Das queixas peſſoaes, que delle temos.

XXXVII.

Das inſollencias fallo, que ſoffrido
Temos deſte perjuro Rey de Heſpanha
Inimigo do Eſtado, e conhecido
Como tal no theatro da Campanha;
Elle fôra por nós ſempre excluido
Só por Principe ſer de gente eſtranha;
Mas as ſuas acçoens abominaveis
Nos miniſtraõ razoens mais reſpeitaveis.

XXXVIII.

Eſte Principe injuſto, ambicioſo
Deſpreſador das Leys, e da verdade,
Inquieto, feróz, duro, e orgulhoſo,
Sem fé, religiaõ, nem probidade,
Inſtrumento tem ſido rigoroſo
Das deſgraças de toda a qualidade,
Que chora a noſſa Patria, e com que aſſuſta
A noſſa liberdade a ſórte injuſta.

XXXIX.

Todos vós teſtemunhas oculares
Sois das promeſſas, ſois dos juramentos
Tributados na face dos Altares,
A's condiçoens, que foraõ fundamentos
Do contracto dotal: vós pelos ares
Levar os viſtes dos ligeiros ventos,
Vós viſtes converter em tyrania
As eſperanças doces da harmonia.

XL.

Nos Contractos ſolemnes celebrados
Nas nupcias deſte Rey, e da Princeza,
De que elle quer, que ſejaõ derivados
Os direitos, que oſtenta com fereza,
Expreſſamente foraõ declarados
O tempo, as condiçoens, a natureza
Da ſucceſſaõ do Reyno, a qualidade
Do Dominio, governo, e auctoridade.

O

XLI.

O meſmo Rey com grandes aparatos
Na preſença do Auguſto Sacramento
Duas vezes firmou eſtes contractos,
Com Sagrado ſolemne juramento,
Elle ſe impoz, nos termos mais exactos,
A pena deperjuro, e perdimento
De todos ſeus direitos, ſe algum dia
Faltaſſe ás condiçoens, que promettia.

XLII.

Que tem faltado a todas, alterando
O tempo, a fórma, e ordem promettida,
Deſde a morte funeſta de Fernando,
He verdade patente, e bem ſabida:
Todo o Reyno opprimido eſtá clamando
Contra tanta inſolencia commettida,
Porém baſtava a guerra, que tem feito
Para perder de todo o ſeu direito.

XLIII.

Por ella tem perdido naõ ſómente
Eſſe direito, ſe algum teve antigo;
Mas incorrido rigoroſamente
Nas penas, que ſe impoz para caſtigo;
Ellas ſaõ muitas; mas preſentemente
Baſta ſó dever ſer por inimigo
Conhecido do Eſtado, e reputado
Perjuro inhabil, falſo, e reprovado.

XLIV.

Reſta ver ſe a juſtiça favorece
Mais os filhos de Ignez, e Pedro auguſto,
Em quem parte do Povo reconhece
A' ſucceſſaõ direito claro, e juſto:
He bem certo, que nelles reſplandece
Dos Luſos Reys o ſangue, e que o robuſto
Sexo lhe dá mais firmes fundamentos,
Para abonar aquelles penſamentos.

XLV.

Mas o triſte problema, em que labora
O matrimonio da infelice Dama,
Menos ſolida, e firme faz agora
Aquella opiniaõ, que o Povo acclama;
Eu reconheco, nem alguem ignora,
Que o Rey o atteſtou; porém a fama
Em contrario, tem provas taõ valentes,
Que abona bem as duvidas preſentes.

XLVI.

El Rey poſto que Rey, era ſujeito
A naturaes paixoens da humanidade,
De que naõ vive izento o grande peito
Dos mais claros Varoens na herocidade;
Amor, como ſabeis o tinha feito
Commetter erros de alta qualidade,
E naõ lhe offende o culto reverente
Examinar o caſo attentamente.

Em

XLVII.

Em dois pontos conſiſte o fundamento
Da diſputa, que deve examinar-ſe,
Hum ſe foi certo aquelle caſamento,
Outro ſe ſendo, deve bom julgar-ſe;
Na balança do noſſo entendimento
Com prudente exacçaõ, devem peſar-ſe
As razoens com que impugna, ou favorece,
Qualquer deſtas queſtoens, quem as conhece.

XLVIII.

No tempo, que do Reyno o duro freyo
Affonſo Pay de Pedro moderava,
Quando o Principe amante o terno ſeyo
A' mais viva paixaõ ſacrificava,
Tendo o prudente Pay algum receyo
De que eſte amor do Filho (que já dava
Eſcandalo no Reyno) ter podeſſe
Raiz, que ſer cortada naõ deveſſe.

XLIX.

Em ſeu nome mandou dois Conſelheiros,
Hum dos quaes he Pacheco, aqui preſente,
A ſaber os progreſſos verdadeiros
De huma paixaõ taõ céga, e taõ vehemente;
E ponderando aquelles menſageiros
A materia da duvida preſente,
Como ponto, do qual dependeria
A conducta, que o Pay tomar devia.

Na

L.

Na preſença do Principe amoroſo
Com inſtancias, e rogos porfiados,
A certeza do caſo duvidoſo
Pediraõ pelo Rey auctoriſados;
Mas prevendo, que o Filho receoſo
De occaſionar deſgoſtos mais peſados,
Poderia por ſuſto, ou por cautela
Occultar a verdade, ou parte della.

LI.

Lhe atteſtáraõ debaixo da firmeza
Da palavra Real, que o Pay faria
Tractar a bella Ignez como Princeza,
Se por ſua mulher a conhecia;
Que a ſincera verdade com certeza
Saber delle ſómente pertendia,
Para bem regular os ſeus projectos,
E ſocegar rumores indiſcretos.

LII.

Mas a peſar daquella ſegurança,
A peſar dos impulſos da ternura,
Que poděra vencer-ſe da eſperança
De lograr o ſeu goſto em paz mais pura,
O Principe inflexivel na bonança,
Como nos riſcos da fortuna eſcura,
Naõ ſó negou aquelle caſamento,
Mas que já mais tiveſſe hum tal intento.

Vede

LIII.

Vède pois, como póde accreditar-ſe
O que depois de Rey quiz dar por certo,
Pertendendo com ſuſtos deſculpar-ſe,
De ter hum caſo tal ſempre encoberto;
Se eſte ſuſto podeſſe concorda-ſe
Com as feyas acçoens, que em campo aberto
Obrou contra ſeu Pay, ao menos fora
Mais veroſimil eſta eſcuſa agora.

LIV.

Mas hum filho que póde ſem receyo,
Tomar as armas, declarar a guerra
Contra o Pay, contra o Rey, romper o freyo
Das regras todas, que o dever encerra;
Oſtentar de innimigo o nome feyo,
Devaſtar cruelmente a Patria terra,
Naõ ſe atreve a dizer, que eſtá caſado,
Porque teme do Pay o triſte enfado?

LV.

E que razoens de ſuſto, ou de embaraço,
Depois de morto Affonſo, haver podia,
Para naõ publicar o Santo laço
Se legitimo, e firme o conhecia?
Em tres annos naõ teve hum Rey eſpaço
Para tratar materia, que pedia
Taõ prompta providencia? Naõ lhe dava
Cuidado a prole, que taõ terno amava?

Só

LVI.

Só quaſi já no fim de quatro annos
Depois que o Regio Ceptro manejava
Se lembrou eſte Principe dos damnos,
Que eſta triſte incerteza occaſionava;
E corrida a cortina dos arcanos,
Que do publico os olhos aſſombrava,
Foi facil de provar o caſamento
Com alheios, e proprio juramento.

LXVII.

Porém, que vale aquella diligencia
No juizo dos homens mais prudentes?
Que ſe póde julgar da inconſequencia
Das meſmas aſſerçoens dos aſſiſtentes?
O Rey diz, que naõ tem certa ſciencia
Do dia, nem do mez: hum dos preſentes
Affirma com certeza, que ſabia
Ser de Janeiro no primeiro dia.

LVIII.

Ora vede, que dia, e que ſucceſſo
Para ſer eſquecido, ou mal notado!
O dia o mais ſolemne, o mais expreſſo,
O ſucceſſo o mais digno de cuidado;
Quem credulo ſerá com tanto exceſſo,
Que em taes contradiçoens embaraçado,
Naõ duvide da fé daquella prova,
Que a ſuſpeita naõ tira, ſim renova.

Mas

LIX.

Mas nem podia ser solidamente
Celebrado o Consorcio pertendido,
Porque o Principe augusto era parente
Da contrahente esposa em grão prohidido:
Era seu Tio, e era juntamente
Seu Compadre, e no caso de haver sido,
Seria sempre nullo o desposorio,
Por mais que fosse certo, e bem notorio.

LX.

Nestes termos extincta a descendencia
Do grande Affonso, he certo, que o direito
De dar ao Trono nova providencia,
He só proprio do Estado; e que Sujeito
Pode mais merecer a preferencia
Dos affectos, do gosto, e do respeito
Dos Póvos, doque o mesmo, que tem sido
Por Defensor do Reyno conhecido.

LXI.

Vós todos conheceis o grande alento,
O nobre coraçaõ, o zelo puro,
O genio doce, o claro entendimento,
O constante valor, o braço duro,
A justiça, a piedade, o sofrimento,
O generoso amor, e bem seguro
Deste illustre Varaõ, que em nosso amparo
De si tem dado testemunho claro.

Vós

LXII.

Vôs ſabeis, que por nós tem padecido
Trabalhos grandes, riſcos horroroſos,
Que nos tem governado, e dirigido
Sabiamente nos caſos duvidoſos;
Sabeis, que em ſuas veias tranſmittido
Dura o ſangue dos Luſos Reys famoſos,
E com taes qualidades me parece,
Que os ſuffragios de todos bem merece.

LXIII.

Diſſe, e todo o Congreſſo alvoroçado
Parecia aplaudir goſtoſamente
Aquella opiniaõ; mas ſocegado
O primeiro rumor da baixa gente,
Martim Vaſques, varaõ acreditado
Por cortezaõ diſcreto, e por valente,
Que dos filhos de Ignez, de tempo antigo
Fôra ſempre fiel, e certo amigo.

LXIV.

Levantando-ſe em pé, com fero geſto,
Com impulſo arrogante, e moſtras de ira,
Inculcando deſgoſto manifeſto
Do diſcurſo, que Regras proferira,
Deſta ſorte fallou: Eu naõ conteſto
Do Defenſor as prendas; mas naõ tira
O ſeu merecimento á minha idéa
A luz brilhante da juſtiça alhea.

Na

LXV.

Na minha opiniaõ he ſem diſputa,
Legitima de Ignez a prole clara,
E neſta opiniaõ, quanto executa
Em prejuizo ſeu a ſorte avara,
Me parece injuſtiça; quem lhe imputa
Defeitos neſta parte, ou naõ repara
No reſpeito, que deve á Mageſtade,
Ou naõ quer convencer-ſe da verdade.

LXVI.

Alterou-ſe o Congreſſo variamente,
Segundo cada qual favorecia
Os diverſos partidos, que igualmente
Com razoens bem fundadas defendia;
E porque o tempo breve naõ conſente
Decidir-ſe a queſtaõ naquelle dia,
Diſſolveo-ſe a Aſſemblea, transferido
Para ſegundo, o ponto debatido.

LXVII.

Mas o Genio cruel, que naõ ceſſava
De maquinar deſordens, e perigos
A' gloria Portugueza, e que buſcava
Os meyos de exercer odios antigos;
Achando agora, como dezejava,
Deſunidos os animos amigos,
Se propôz conſeguir deſta porfia
A ruina total da Monarquia.

Com

LXVIII.

Com eſte horrivel penſamento digno
Das idéas do Pay da falſidade;
A Diſcordia buſcou, Monſtro maligno,
Filha cruel da barbara maldade;
Eſta Furia, que o peito mais benigno
He capaz de inflammar em crueldade,
Promptamente o ſoccorre, e ſem ſocego
Vôa ligeira ás margens do Mondego.

LXIX.

Alli Vaſques, com grande companhia
De parentes, e amigos paſſeava,
E com elles o ponto conferia,
Que o cuidado de todos occupava,
Cada qual variamente diſcorria
Sobre a queſtaõ, que Vaſques propugnava,
E já muitos com zelo deſcoberto
Alguns meyos propunhaõ de concerto.

LXX.

Quando a feya Diſcordia ſe apreſenta
Na figura de hum velho reverente,
Que no ſemblante, e no veſtido oſtenta
Apparencias de hum homem penitente,
A companhia nelle achar intenta
Conſelhos ſantos, inſtrucçaõ prudente,
E com animo pio lhe declara
O motivo, que alli os ajuntára.

Mas

LXXI.

Mas a Furia fingindo o zêlo puro,
Que deteſta no fundo de ſeu peito,
E disfarçando a raiva, e odio duro,
Que ſaõ do ſeu furor preciſo effeito,
Deſta ſorte lhe falla: Eu naõ procuro
Lizonjear alguem; o meu conceito
Tem ſó por fundamento invariavel
A juſtiça, a verdade inalteravel.

LXXII.

O Trono naõ he vago; o claro Infante
Filho de Ignez he Rey por naſcimento;
Vós naõ podeis faltar á fé conſtante,
Que lhe deveis por juſto rendimento:
Qualquer nova eleiçaõ naõ he baſtante
A ſoltar-vos do firme juramento
Preſtado pelos voſſos aſcendentes
Na peſſoa de Affonſo, aos deſcendentes.

LXXIII.

Diſſe, e cada palavra articulada
Pela lingua do Monſtro furioſo,
Deixava a companhia invenenada
Do mais cruel ardor, mais fervoroſo:
Cada qual a favor da confirmada
Opiniaõ proteſta eſcrupuloſo
De naõ mudar já mais deſte conceito,
E defender do Principe o direito.

Em

LXXIV.

Em tanto o monſtro fero procurando
Completar o projecto abominavel,
Nos coraçoens mais nobres derramando
O contagio da raiva inſaciavel,
O grande Nuno buſca, que ordenando
Andava com deſvelo incomparavel
Os meyos de attrahir a ſeu partido
O ſuffragio de Vaſques atrevido.

LXXV.

Na figura de hum bravo Cavalleiro
Seu camarada antigo, e confidente
Lhe apparece a Diſcordia, e no guerreiro
Coraçaõ lhe miniſtra a furia ardente;
Como pode, lhe diz com tom groſſeiro,
Soffrer voſſo valor, que abertamente
Embaraſſe ſó Vaſques atrevido
Do voſſo empenho o fructo apetecido.

LXXVI.

Hum homem ſó he juſto que pertenda
Contra nós, contra toda a qualidade
De votos, ſuſtentar eſta contenda
Excitado por propria authoridade?
Soffrereis vós, que exponha, e que defenda
Outra vez no Congreſſo a dignidade
Dos Infantes, que a ſua confiança
Legitîma com tanta ſegurança?

Onde

LXXVII.

Onde eſtá voſſo zêlo, e voſſo affecto
Pelo Meſtre de Aviz? Eu naõ ſoffrera
Deixar engroſſar mais eſte projecto,
Se como vós, taõ claro procedera:
Todos ſabem, que o voſſo grande objecto
He fazer acclamar com paz ſincera
O Defenſor; vós meſmo claramente
Fazeis gloria de ſer ſeu confidente.

LXXVIII.

O Reyno todo alegre, e ſatisfeito
Se diſpoem a cumprir noſſa vontade,
E com moſtras de affecto, e de reſpeito,
Todos tem por geral felicidade
Eſta digna eleiçaõ, que por direito
O corpo da Naçaõ tem liberdade
De fazer em tal caſo, nem duvida
Alguem deſta verdade taõ ſabida.

LXXIX.

Só Vaſques arrogante he quem diſputa
A feliz concluſaõ do noſſo intento,
E na face de todos executa
Taõ feroz, taõ ſoberbo penſamento;
Porém ſe elle taõ bravo ſe reputa,
Que ſe julga capaz de dar alento
A contrarias facçoens, eu imagino,
Que he facil de curar tal deſatino.

Naõ

LXXX.

Naõ diſſe mais; porém inficionando
Com venenoſo influxo o peito forte
Do conſtante Varaõ, foi derramando
Por outros coraçoens da meſma ſorte
O contagio cruel, inſinuando
Nos bellicoſos filhos de Mavorte
Deſconfianças, odios, e vinganças,
E nos Letrados ſuſtos, e mudanças.

LXXXI.

Confundio-ſe o projecto, que devêra
Os animos unir: já variamente
Cada qual diſcorria; já naõ era
A gloria Nacional o fim decente
Dos cuidados de todos; já fizera
Da Diſcordia cruel a peſte ardente
Deſmayar com fraqueza, em mais de hum peito
Do zelo Portuguez o claro effeito.

LXXXII.

Nuno vivo por genio, e mal ſoffrido,
E pela Furia horrenda alucinado,
Vendo neſta inacçaõ quaſi perdido
O fructo de hum trabalho porfiado,
E julgando, que tudo procedido
Era das ſuggeſtoens, com que alterado
Havia Vaſques orgulhoſo, e cego
Dos ignorantes Póvos o ſocego.

Com

LXXXIII.

Com animo feroz, e mal disposto
Contra quem pertendia, que incentivo
Era das dissençoens, e do desgosto,
Que tanto lhe opprimia o peito altivo,
O Defensor procura, e tendo exposto
Dos seus nobres pesares o motivo,
Desta sorte com vivo sentimento
Lhe declara o seu bravo pensamento.

LXXXIV.

Vós, Senhor, conheceis o zelo puro
Com que vos sirvo, com que me interesso
Na vossa exaltaçaõ; o bem seguro
Affecto, a diligencia, o grande excesso
Do desvelo, e attençaõ, com que procuro
Franquear-vos o Trono, que confesso
Ser premio diminuto; mas devido
A's penas, que por nós haveis soffrido.

LXXXV.

Toda a Naçaõ em corpo congregada
A taõ gostoso empenho concorria,
E no rosto de todos retratada
Brilhava a doce imagem de alegria;
Tudo nesta funçaõ bem concertada
O mais feliz succesSo promettia;
Hum homem só de espirito imprudente
Se oppoem á voz de todos insolente.

LXXXVI.

Só Vaſques arrogante he quem ſuſtenta
O partido contrario, ou por exceſſo
De antigas affeiçoens, ou porque oſtenta
Altiva independencia: eu vos confeſſo,
Que o vehemente peſar, que me atormenta
Na duvida cruel deſte ſucceſſo,
Me perturba de ſorte a cega mente,
Que já meyos ſuaves naõ conſente.

LXXXVII.

Se vós me permittis a liberdade
De cortar a raiz deſte embaraço,
Eu prometto ſoltar com brevidade
Os duros nexos deſte cego laço;
Hum ſó golpe a fatal ambiguidade
Fará deſvanecer em breve eſpaço;
Extincto Vaſques, fica ſem patrono
A facçaõ nova, que vos nega o Trono.

LXXXVIII.

Proſegia a dizer; mas ſuſpendido
Foi pelo claro Heróe, que horrorizado
Do projecto por Nuno concebido,
Aſſim lhe falla firme, e ſocegado:
Eu tenho em todo tempo conhecido
O voſſo grande affecto, bem provado
Com acçoens glorioſas, e de alento
Digno do voſſo illuſtre naſcimento.

Po-

LXXXIX.

Porém nunca eſperei, que vos podeſſe
O zêlo alucinar de tal maneira,
Que em materia taõ grave vos fizeſſe
Incauto diſcorrer com tal cegueira;
Hum homem, como vós tanto ſe eſquece
Da virtude, e da gloria verdadeira,
Que pertende abonar o ſeu partido
Por meyo de hum delicto aborrecido.

XC.

Se eu quizeſſe abuſar do voſſo alento
Para taõ torpes fins, ou conſentira
Fazer-ſe o voſſo ardor, vil inſtrumento
Da indecente ambiçaõ, da feroz ira,
Eu meſmo horrorizado deſte intento,
Taõ indigno do Solio me ſentira,
Que me fora mais pêjo, do que gloria
O caracter do Rey, com tal memoria.

XCI.

O fervoroſo impulſo, com que inflamma
A fiel amizade o voſſo peito,
He bem digno de vós, e de quem ama
Os deveres do zêlo mais perfeito;
Mas ſe podeſſe ſer, na vóz da fama,
Injuſta cauſa de hum taõ vil effeito,
Seria mancha indigna da grandeza
Do voſſo coraçaõ, e fortaleza.

XCII.

Hum taõ nobre, taõ puro ſentimento
Naõ deve produzir huma indecencia,
Nem das luzes de hum claro penſamento
Podem naſcer as ſombras da violencia;
Se a Naçaõ com geral contentamento
Me eſcolher para Rey, a preferencia
Me ſerá ſempre grata; mas ſómente
Sendo preſtada voluntariamente.

XCIII.

Eu naõ pertendo com acçoens atrozes
Tyranizar da Patria a liberdade;
Empreza ſó de eſpiritos ferozes
Inimigos crueis da humanidade;
Da barbara ambiçaõ as torpes vozes
Naõ me illudem já mais; ſe a dignidade
De ſer Rey, hum delicto infame cuſta,
Seja Rey, quem do crime naõ ſe aſſuſta.

XCIV.

Diſſe, e logo de novo congregado
O Corpo da Naçaõ, foi novamente
O ponto da queſtaõ examinado
Pelos membros do Eſtado attentamente;
O partido maior, mais avultado
O Defenſor acclama abertamente;
Porém Vaſques, e todos ſeus ſequazes
Se lhe oppoem com razoens muito effiquazes.

Outra

XCV.

Outra vez o Congreſſo irreſoluto
Naõ ſabe decidir, e ſe embaraça;
E na triſte incerteza o Povo bruto
Já maiores deſordens ameaça,
Da Diſcordia feroz o genio aſtuto
Inſpira ſediçoens, odios enlaça,
E já quaſi ſe applaude do ſucceſſo,
Com que alterado tem todo o Congreſſo.

XCVI.

Quando chega a fallar hum Cavalleiro,
Da famoſa Coimbra Deputado,
Em quem da vil Diſcordia o ſom groſſeiro
Já mais póde illudir o zèlo honrado,
Eſte Affonſo Domingues he de Aveiro;
Na Cidade bemquiſto, e reputado
No Congreſſo por ſabio, juſto, e forte,
E propoem o ſeu voto deſta ſórte.

XCVII.

Da preſente materia a gravidade,
A grandeza das ſuas conſequencias,
A triſte confuſaõ, a variedade
Dos affectos, razoens, e diligencias,
Com que os meſmos amantes da verdade
Tem perturbado as ſuas evidencias,
Nos enleaõ de ſórte, que he preciſo
Sobre tudo formar novo juizo.

O

XCVIII.

O discurso de Regras, que pertende,
Que o Trono está vacante, em tal supposto
Mostra bem, que dos Povos só depende
Acclamar Rey, que seja do seu gosto;
Mas as outras razoens, com que defende
A certeza daquelle presupposto,
Por mais que sejaõ todas elegantes,
Naõ saõ todas seguras, e bastantes.

XCIX.

Vasques, que tem diversos pensamentos,
E cabeça se faz de outro partido,
Naõ explica as razoens, ou fundamentos
Porque deve o seu voto ser seguido
Guiado só dos proprios sentimentos,
E de antigos affectos commovido,
Quer, que os nobres impulsos da amizade
Sejaõ provas bastantes da verdade.

C.

O Doutor justamente dá por certo,
Que o direito do sangue só podera
Ver-se nos Reys de Hespanha descoberto,
Ou na prole de Pedro, que nascera
Da mal lograda Ignez, se longe, ou perto
Em qualquer dos projectos naõ houvera
Impedimentos graves, que elle explica,
Patentêa, e suppoem, que justifica.

Mas

CI.

Mas nem ſempre conſegue o ſeu deſejo
Por exceſſo talvez de diligencia,
Que até das meſmas luzes o ſobejo
Póde ſer embaraço da evidencia,
Em alguns dos defeitos, eu naõ vejo
A peſar dos adornos da eloquencia,
Aquellas nullidades, que elle aponta,
E por offenſas do direito conta.

CII.

Por exemplo, quem póde ſeriamente
Convencer-ſe, que hum erro de doutrina
Deva privar os Reys expreſſamente
Dos direitos, que o ſangue lhe deſtina?
Que ſeja inaptidaõ de hum pertendente
A's honras ſeculares a ruina,
Que nos membros da Igreja tem cauſado
A cegueira de hum Sciſma deſgraçado?

CIII.

Por ventura naõ ſaõ reconhecidos
Por legitimos Reys hereditarios
Os Monarchas de França eſclareçidos,
De Navarra, Aragaõ, e outros varios?
Saõ dos ſeus Povos menos attendidos,
Porque ſaõ de Clemente partidarios?
Que tem de ver do Sciſma as diſſençoens
Com o pleito das Regias Succeſſoens.

CIV.

A que fim a noticia indecorosa
Dos crimes de Leonor, mal disfarçada
Com destra reticencia industriosa,
Só para ser de todos mais notada?
A' Raynha naõ he pernicioſa
A desordem da Mãy mal reputada,
Essa infamia, ou injusta, ou merecida
Foi depois da Princeza ser nascida.

CV.

Similhantes razoens daõ mais idêa
De huma cega payxaõ incorrigivel,
Desordenada, cega, iniqua, e fea,
Que da recta justiça irreprehensivel;
E para que he buscar materia alhea
Da proposta questaõ, sendo infalivel
A justiça dos outros fundamentos,
Em que firma o Doutor seus pensamentos?

CVI.

Quem póde duvidar, que saõ bastantes
Para negar no Rey qualquer direito,
As nullidades claras, e constantes
Dos matrimonios, o geral conceito
De inimigo do Estado, as importantes
Insolencias, e faltas, que tem feito
Nas promessas juradas, nos Tractados,
E na fé dos deveres mais Sagrados?

Ago-

CVII.

Agora no que toca á prole auguſta
Da mal lograda Ignez, mais duvidoſo
Me parece o negocio, e menos juſta
A ſentença, que julga fabuloſo
O conſorcio dos Pays; porque me aſſuſta
O reſpeito de hum Rey taõ glorioſo,
Taõ juſticeiro, e amante da verdade,
Como Dom Pedro foi na realidade.

CVIII.

O Doutor meſmo accuſa o juramento
Deſte Principe auguſto, em que declara
A certeza daquelle caſamento,
Que por juſtos motivos occultára;
Elle confeſſa, que eſte ſentimento
Geralmente no Povo ſe eſpalhara,
E que fora abonado legalmente
Com a familia, e Biſpo entaõ preſente.

CIX.

Eu naõ ſei como provas mais patentes
Poſſaõ dar-ſe de factos ſimilhantes,
Quando para faze-los evidentes
As teſtemunhas ſós foraõ baſtantes:
Aqui duas depoem, que ambas preſentes
Foraõ no caſamento, ambas conſtantes,
Ambas dignas de fé, hum por honrado,
Outro pelo caracter de Prelado.

Que

CX.

Que importa, q̃ hum ſe lembre, outro ſe eſqueça
Do mez, e dia, ſe ambas na ſubſtancia
Do negocio concordaõ? Que intereſſa
A noticia daquella circunſtancia?
He poſſivel, que nella eſtabeleça
Algum homem prudente a repugnancia
A' ſua fé, notando a identidade,
Com que ſe abona o fundo da verdade?

CXI.

Mas que neceſſidade, ou dependencia
Há de taes teſtemunhas, para effeito
De reduzir ás luzes da evidencia
Eſte ponto dos doutos no conceito;
Depois de ElRey tomar a providencia
De atteſtar pelo modo mais perfeito
A certeza do caſo, he bem ſabido,
Que ſem mais prova, fica decidido.

CXII.

Neſtes termos, ſe algum dos dois Infantes
Filhos de Ignez, e Pedro aqui ſe viſſe,
Ou por outras razoens mais importantes
Impedido talvez ſenaõ ſentiſſe,
A peſar dos defeitos mal ſoantes,
Que a malicia inſolente preſumiſſe,
Eſte ſó fora Rey no meu conceito
Por todas as razoens do bom direito.

Mas

CXIII.

Mas o triſte deſtino, que parece
Da deſditoſa Mãy herança eſcura,
Com funeſtos influxos deſvanece
Dos claros Filhos a juſtiça pura;
Elle primeiramente lha eſcurece
Nas infauſtas razoens, com que procura
Em vida de Fernando deſgoſta-los,
E dos paternos Reynos ſepara-los.

CXIV.

Hum delles por altivo, outro obrigado
Do temor do caſtigo merecido,
Por hum crime de todos reputado
Com o effeito de hum genio enfurecido;
Qualquer delles das furias agitado,
De hum bellicoſo ardor mal entendido,
Se expatriou, tomando cegamente
As armas contra o Eſtado, e propria gente.

CXV.

Nós ouvimos com o ferro vingativo
Ferozes aſſolar noſſas Fronteiras,
Talar os campos do paiz nativo,
Lançar o fogo ás patrias ſementeiras;
Nós os vimos ſervindo de incentivo
A' Vingança das armas eſtrangeiras,
Oſtentar-ſe no campo varias vezes
Inimigos crueis dos Portuguezes.

De-

CXVI.

Depois de hum erro tal, continuando
O triſte influxo da maligna eſtrella,
Logo depois da morte de Fernando,
Foraõ preſos na Côrte de Caſtella;
Alii ſem liberdade eſtaõ chorando
A pouca diſcripçaõ, pouca cautela
Da paſſada conduta; mas ſem meyos
De evitar, ou romper os grilhoens feyos.

CXVII.

Odioſos á Patria, e deſpojados
Da propria liberdade, o ſeu direito
A peſar dos principios mais provados,
Naõ póde produzir algum effeito;
A lembrança dos Povos magoados
Inimigos os pinta; e no conceito
De captivos, ou preſos, a deſgraça
O caminho do Trono lhe embaraça.

CXVIII.

O Reyno pede prompta providencia,
Que naõ póde eſperar de hum priſioneiro,
Que em ſi meſmo, dos ferros na violencia,
Naõ póde exercitar dominio inteiro,
Conferir-lhe de Rey a preeminencia
Fora ſó confirmar-lhe o captiveiro,
E perder ſem alguma utilidade
Elle, e nós para ſempre a liberdade.

Neſ-

CXIX.

Neſtes termos, parece indiſpenſavel
Eleger outro Rey; mas ſe o patente
Riſco geral do Eſtado he quem louvavel
Faz eſta acçaõ, ſem elle incompetente,
Naõ he de ſórte alguma deſculpavel
Demorar com diſputa impertinente
O remedio de hum damno, que ameaça
Em qualquer dilaçaõ fatal deſgraça.

CXXI.

No Defenſor nos dá o Ceo piedoſo
Hum Rey, qual nos convém, do ſangue Auguſto
Dos antigos Monarchas, glorioſo
Pelas proprias acçoens, valente, juſto,
Sabio, pio, prudente, generoſo,
Amante da Naçaõ, forte, e robuſto;
Se a luz do patrio zêlo he quem nos guia,
Acclama-lo devemos á porfia.

FIM DO CANTO IX.

A LIBERDADE

CANTO X.

ARGUMENTO.

A LIBERDADE.

CANTO X.

ARGUMENTO.

EM quanto nas Côrtes de Coimbra ſe tractava a diſputa ſobre a eleiçaõ de Rey, o Genio Tutellar de Portugal repreſenta ao Supremo Deos o miſeravel eſtado da Naçaõ, e ſe queixa de que ſe empenhem na ſua ruina, naõ ſó os ordinarios inſtrumentos do caſtigo dos Eſtados, a guerra, e a deſuniaõ; mas que as meſmas Furias do Inferno ſe conjurem deſcobertamente, no ſeu eſtrago, intentando fruſtrar as promeſſas feitas pelo meſmo Deos ao Reyno Portuguez, e ſupplica efficazmente á Divindade, que confunda taõ ſoberbos projectos, e ampare os Portuguezes. Aſſim o concede o Deos Supremo; e acabando de fallar neſte

neſte tempo o Procurador de Coimbra, todo o Congreſſo applaude o ſeu parecer, e com goſto geral ſe acclama o Defenſor, Rey de Portugal. Paſſa o novo Rey ao Porto, toma Guimaraens, Braga, e Ponte de Lima; mas em tanto, que o Rey reſtaura a Provincia do Minho; entraõ os Caſtelhanos na Beira, onde fazem damno conſideravel, pela deſuniaõ dos Cappitaens Portuguezes; mas Pacheco os concorda, e junto com elles deſbarata os inimigos. Entra em fim em Portugal ElRey de Caſtella com poderoſo Exercito, e atraveſſando a Beira, paſſa a Eſtremadura. Relaçaõ do Exercito Caſtelhano. Marcha o novo Rey Portuguez do Minho, e chega a Abrantes, onde faz reviſta da ſua gente. Arrogancias de alguns Portuguezes, e Voto temerario de Vaſco Martins de Mello. Encontram-ſe os Exercitos no Campo de Aljubarrota, e ſe dá batalha. Acçoens valoroſas do novo Rey Portuguez, do grande Nuno, de Vaſconcellos, de Almada, e de outros Portuguezes. Foge ElRey de Caſtella; morre Vaſco Martins no ſeu alcance, triunfa o novo Rey Portuguez, e com eſta victoria eſtabelece firmemente a independencia da Coroa, e a Liberdade de Portugal.

A

A LIBERDADE

CANTO X.

I.

EM tanto, ſobre o claro Firmamento,
Onde habitaõ os Genios vigilantes,
A quem foi dado em ſórte o regimento
Dos Imperios da terra vacilantes;
Lá onde o Deos Supremo o ſummo aſſento
Poz do Solio Celeſte, a quem conſtantes
Aſſiſtem ſempre os Choros deſvelados
Dos Eſpiritos bem-aventurados.

II.

Onde os caſos mais graves deſta vida
Se decidem com firme ſegurança;
Se diſtribue a ſórte concedida,
Ou da triſte deſgraça, ou da bonança:
Na preſença tremenda, e apetecida
Do Grande Deos da paz, e da vingança,
O Genio Tutellar do Luſo Eſtado
Aſſim fallou de zêlo penetrado.

III.

Omnipotente Pay, principio eterno
De toda a natureza, Deos Amavel,
Deos Temivel, Benigno, Brando, Terno,
Juſto, Recto, Severo, e Reſpeitavel,
Deos Unico, e Deos Trino, Rey Supremo
Dos Monarchas, Senhor Inconteſtavel
Dos Imperios, por quem os Reys da terra
Reynaõ, porquem lhe he dada a páz, e guerra.

IV.

O Luſitano Eſtado, que incumbido
Me foi por vós, em triſte deſamparo
Sem Cabeça ſe vê, mal repartido
Em diverſas facçoens: o Varaõ claro,
Que lhe eſtava dos fados promettido,
Para digno Monarcha, ſem reparo
Nos ſeus grandes talentos, e fadigas,
Contraſtado ſe vê com mil intrigas.

Naõ

V.

Naõ baſtáraõ as armas Caſtelhanas,
O furor, e ambiçaõ dos inimigos,
Maquinadas traiçoens, forças tyranas,
Succeſſivos trabalhos, e perigos;
Naõ baſtáraõ crueis paixoens humanas,
Oppoſtas pertençoens, odios antigos;
Tambem do meſmo Averno o Genio irado
Vem perturbar o Reyno deſgraçado.

VI.

Elle foi ſuſcitar do torpe ſeyo
Das Furias infernaes a venenoſa,
Implacavel Diſcordia, que tem cheyo
O coraçaõ da gente bellicoſa
De invencivel ardor, de orgulho feyo,
Contra a gloria da empreza generoſa,
Que o zêlo da Naçaõ tinha diſpoſto
Para acclamar Monarcha de ſeu goſto.

VII.

Se eſta empreza, Senhor, he fabricada
Contra as ordens da voſſa Providencia,
Se he injuſta, inſolente, ou mal fundada
Na ambiçaõ, na ſoberba, e na violencia,
Pague a culpa a Naçaõ mal regulada,
Confunda o máo ſucceſſo a diligencia,
E ſirva o ſeu caſtigo de eſcarmento
A qualquer temerario, altivo intento.

VIII.

Mas ſe foraõ por mim bem entendidos
Voſſos altos Decretos adoraveis,
Se os Luſos povos devem ſer regidos
Por proprios Reys, ſe nelles immutaveis
Haõ de ver-ſe os prodigios promettidos
A' progenie de Affonſo, e ſe culpaveis
Naõ ſaõ nos voſſos olhos os projectos,
Que tem voſſos diſignios por objectos.

IX.

Como ſoffre o reſpeito mageſtoſo
Da voſſa Omnipotencia independente,
Que das trevas o Eſpirito orgulhoſo
Fruſtrar pertenda os fados deſta gente?
Vós ſó podeis o curſo duvidoſo
Do deſtino reger com maõ potente;
Vós ſó ſabeis o tempo, e circunſtancias,
Em que podem mudar-ſe as obſervancias.

X.

Se a ſoberba de Lucifer lhe inſpira
Taõ altivos projectos, ſe a vingança,
Os furores, e os odios, que reſpira
Lhe miniſtraõ taõ louca confiança,
Conheça o torpe Pay da vil mentira,
Que o ſeu perfido engano naõ alcança
Algum fructo das ſuas diligencias,
Contra a ordem das voſſas Providencias.

Aſſim

XI.

Assim será, responde o Pay Sublime,
E desta vóz á força o Ceo rendido,
Com susto santo, que o respeito exprime,
Tremeo de Polo a Polo estremecido:
O torpe Genio, que a Naçaõ opprime
Se sepulta nas trevas atordido,
Foge a Discordia do Congresso Luso,
Cessa das gentes o rumor confuso.

XII.

Acabava de orar naquelle instante,
Da risonha Coimbra o Deputado;
E logo na Assembléa em vóz constante
Foi seu voto por todos abonado;
Nuno sempre affectivo, e vigilante,
Vendo o caso no ponto desejado,
Elle primeiro clama em vóz festiva,
Viva El-Rei Dom Joaõ nosso Rey, viva.

XIII.

Viva, responde em grito lisonjeiro
A turba popular, viva mil vezes
O nosso grande Rey Dom Joaõ primeiro
Para gloria immortal dos Portuguezes;
Viva, *viva* repete o Corpo inteiro
Do Congresso, com termos mais cortezes,
Emendando dos cultos na observancia
O desar da passada repugnancia.

Con-

XIV.

Confuſo o Defenſor na repentina
Affluencia de obſequios taõ attentos,
Adora reverente a maõ Divina
Na prompta execuçaõ dos ſeus intentos;
Mas os meſmos prodigios, que imagina
Na concordia dos varios penſamentos,
O fazem ponderar com mais prudencia
Os encargos da Regia preeminencia.

XV.

Aſſuſtado do peſo glorioſo
Da grandeza de hum Ceptro, em cujo amparo
O cuidado do Todo Poderoſo
Se intereſſava com favor taõ raro;
E dos proprios talentos duvidoſo
Para reger Imperio taõ preclaro,
Se eſcuſava modeſto com exceſſo
A's brilhantes offertas do Congreſſo.

XVI.

Mas o Povo affectivo, e alvoroçado
Com inſtancias, e rogos porfiava,
Que ſem mais dilaçaõ foſſe acclamado,
A peſar do receyo, que oſtentava;
E ſendo o claro Heróe certificado,
Que hum repudio modeſto naõ baſtava
Para abrandar do Povo a viva idea,
Aſſim fallou no meyo da Aſſemblea:

Valo-

XVII.

Valoroſos, illuſtres companheiros
Dos trabalhos, e riſcos padecidos
Pela gloria da Patria, verdadeiros
Defenſores do Eſtado eſclarecidos,
Vós me preſtais os nomes liſongeiros
De Senhor, e de Rey, nomes luzidos;
Mas temiveis por certo, a quem reflecto
Na grande obrigaçaõ, que lhe compete.

XVIII.

Eu me obrigo de moſtras taõ brilhantes
De amor, de confiança, e de reſpeito,
Que exiſtiráõ ſeguras, e conſtantes
Eternamente impreſſas no meu peito;
Mas taõ peſados ſaõ, taõ importantes
Os encargos de hum Rey no meu conceito,
Que naõ julgo meus hombros competentes
A' grandeza de peſos taõ valentes.

XIX.

Proſeguia a dizer; mas naõ permitte
A ternura do Povo alvoroçado,
Que complete o diſcurſo, ſem que grite
A favor do projecto deſejado:
Todos clamaõ, que he força, que exercite
O poder conferido, e que obrigado
Pelo zelo da Patria liberdade,
Deve aceitar a Regia dignidade.

Mil

XX.

Mil vozes variamente articuladas,
Mas acordes no meſmo ſentimento,
Com razoens pelo zelo miniſtradas,
Combatem do Varaõ o penſamento:
Elle cede por fim ás porfiadas
Expreſſoens de taõ puro rendimento,
E penetrado de paixaõ mais nobre,
O ditoſo conſenſo aſſim deſcobre:

XXI.

Generoſo Congreſſo, reſpeitavel
Simulacro da Patria, a quem dedica
O meu peito, com zelo inalteravel,
Toda a ſua attençaõ; e ſacrifica
Todas ſuas acçoens; indiſputavel
Obrigaçaõ de hum filho, que ſe applica
A cumprir dignamente os ſeus deveres
Aᶜ Mãy geral, nas penas, e prazeres.

XXII.

Se he preciſo, que eu ſeja reveſtido
Do Supremo poder, ſe diſpenſar-me
Naõ devo deſte empenho, e ſe o luzido
Regio caracter devo apropriar-me;
Se he preciſo ceder agradecido,
Aᶜ vontade, que tendes de exaltar-me,
Eu me rendo com grata complacencia
Aᶜs intençoens da voſſa providencia.

Serei

XXIII.

Serei Rey, ſe convem á dignidade
Da Naçaõ ter hum Rey de ſangue Luſo;
Serei Rey, mas do Trono a Mageſtade
Gozarei livre do vulgar abuſo;
Todos vós apeſar da authoridade
Do ſupremo Poder, que naõ recuſo,
Me achareis ſempre o meſmo ſem mudança
Na amizade, no zelo, e confiança.

XXIV.

Vós naõ me ſervireis; vós juntamente
Comigo ſervireis á gloria pura,
A' doce liberdade, á permanente
Juſtiça da Naçaõ, contra a perjura
Sacrilega ambiçaõ; vós propriamente
Sereis filhos regidos com ternura:
Aſſim diſſe o Varaõ, e no ſeu geſto
Se via o grande zelo manifeſto.

XXV.

Qual no fim de huma larga, e duvidoſa
Navegaçaõ por climas ignorados,
Depois da raiva, e furia proceloſa,
Do mar cruel, e ventos indignados,
A maritima gente cobiçoſa
De recobrar os pórtos deſcançados
Com a viſta da terra apetecida
Grita goſtoſa, e chora internecida.

XXVI.

Tal na grande Aſſembléa a gente Luſa,
Que nos riſcos da Patria fluctuava,
E nos varios ſucceſſos taõ confuſa
A goſtoſa eſperança imaginava,
Vendo, que o Defenſor já naõ recuſa
O lugar, que a Naçaõ lhe deſtinava,
Entre lagrimas doces de alegria
Mil feſtivos clamores repetia.

XXVII.

Cada qual neſte inſtante a liberdade
Crê de novo cobrar, crê ver ſegura
Do Trôno Portuguez a dignidade,
Do nome Luſitano a gloria pura:
As mais altas liſonjas da vaidade,
Já cada qual ſem ſuſto ſe figura,
E com tal Rey, qualquer dos Luſitanos
Já naõ teme o poder dos Caſtelhanos.

XXVIII.

Daõ-ſe as ordens preciſas no Congreſſo
Para formalizar decentemente
A concluſaõ feliz de hum tal ſucçeſſo,
Com acto proprio, e pompa competente;
Concorre o Povo alegre com exceſſo
A ver o novo Rey; faz-ſe patente
A todo o Reyno o caſo com preſteza,
Executa-ſe em fim a grande empreza.

Accla-

XXIX.

Acclama-se o Varaõ, a frente Auguſta
Cinge o ſacro Diadema, o Regio manto
Os fortes membros cobre, a maõ robuſta
Impunha o Ceptro antigo, e ſobre o Santo
Reſpeitavel compendio da Ley juſta
Do Salvador do Mundo o Reyno em tanto
Jura guardar-lhe fé, tendo primeiro
Jurado o Rey ſer juſto, e verdadeiro.

XXX.

Com feſtivos obſequios de alegria
Se deſvela Coimbra; mas no peito
Do novo grande Rey nada podia
Interromper do zêlo o nobre effeito:
O bravo coraçaõ lhe naõ ſoffria
Viver em ocio alegre, e ſem reſpeito
A's cortezes liſonjas dos amigos,
Deixa Coimbra, e buſca os inimigos.

XXXI.

Perſiſtiaõ no Reyno alguns Lugares,
Que o partido de Heſpanha ſuſtentavaõ,
E no meyo das furias militares
A confuſaõ da Patria accreſcentavaõ;
Na Provincia do Minho mais vulgares
Eſtes féros empenhos ſe obſervavaõ,
E nas meſmas Cidades mais famoſas
Se notavaõ conductas taõ damnoſas.

Hu-

XXXII.

Huma deſtas he Braga, Braga Auguſta,
Taõ famoſa nos faſtos Luſitanos,
Em quem iguaes troféos a fama ajuſta
De ſucceſſos Sagrados, e profanos;
Braga, cuja memoria o Porto aſſuſta,
Que fez hum tempo a gloria dos Romanos,
Que regulou da Igreja os ritos puros
No dominio dos barbaros mais duros.

XXXIII.

E vendo o novo Rey, que tal Cidade
Se eſcuzava do zelo, que devia
Aᶜ Luza gloria, á patria liberdade,
Aᶜ fama antiga, e propria valentia,
Querendo reprimir com brevidade
Os exemplos da triſte rebeldia,
Paſſa do Douro a rapida corrente,
E faz juntar no Porto a Marcia gente.

XXXIV.

Sobre Braga deſtina o golpe irado
O bellicoſo Rey; mas ſuſpendido
Foi por novo ſucceſſo, que empenhado
Deixou o ſeu valôr ſempre advertido:
Por ſecretos aviſos incitado
A tomar Guimaraens vai ſem ruîdo,
Guimaraens Povo antigo, e glorioſo,
Do Trono Portuguez berço ditoſo.

Com-

XXXV.

Commandava na Villa por Caſtella
Ayres Gomes da Silva, hum Cavalleiro
De Sangue Portuguez, e da mais bella
Nobreza deſte Reyno, a quem primeiro
Servio em guerra, e páz; mas que atropella
Agora o Patrio zelo, ou liſonjeiro
A Caſtelhana eſpoſa, ou porque entende
Ser mais ſegura a cauſa, que defende.

XXXVI.

Eſte vendo, que alguns dos moradores
Conſervavaõ no peito ſem mudança,
Os affectos dos ſeus anteceſſores
Pela gloria do Eſtado; que a lembrança
Dos antigos Monarchas, e Senhores
Inſpirava no Povo a confiança
De aplaudir as virtudes, e juſtiça
Do novo Rey, que graças deſperdiça.

XXXVII.

Sabendo, que Carvalho hum dos honrados
Habitantes da Villa, e que contava
Grande copia de amigos, e criados,
Que hum franco proceder lhe grangeava,
De huns, e de outros, ſem cauſa congregados
Em paſſeyos talvez ſe acompanhava,
Lhe ordenou, qne da Villa ſe auſentaſſe,
Ou ſem ſequito nella ſe oſtentaſſe.

Deſ-

XXXVIII.

Deſgoſtou-ſe Carvalho, e cobiçoſo
De vingar-ſe, e ſervir á Patria chara
Com cautela, e diſfarce artificioſo,
A mudar de Governo ſe prepara;
E diſpoſto o projecto induſtrioſo
Com o novo Monarcha ſe declara,
Promettendo da Villa a porta aberta
Para dia ajuſtado, e hora certa.

XXXIX.

Com eſte aviſo parte ſem demora
Do Porto o novo Rey, e juſtamente,
Quando as trevas rompia a lúz da Aurora;
Sobre a Villa ſe moſtra diligente;
Eſperava Carvalho o dia, e hora
Com deſvelos de zêlo impaciente,
Tendo aberta huma porta, e por cautela
Alguns amigos ſeus naõ longe della.

XL.

Eſtes, tanto que delles foi ſabida
A chegada do Rey, com maõ armada
Se lançaõ ſobre a guarda, que rendida
Se vio no meſmo tempo, que atacada;
Porque ſendo por elles ſurprendida,
Eſtando de tal caſo deſcuidada,
Primeiro ſe vio preſa, que podeſſe
Reconhecer o damno, que padece.

Ga-

XLI.

Ganhada a porta, a gente bellicoſa
Se moſtra ſem disfarce, e diſcorrendo
Pelas ruas viſinhas furioſa,
Mil eſtragos, e damnos vai fazendo;
A guarniçaõ confuſa, e temeroſa
Se atropella fugindo, naõ ſabendo
Inda bem de que foge, e finalmente
Entra ſem reſiſtencia o Rey potente.

XLII.

Mas quando já completa, e bem lograda
A ditoſa interpreza ſe entendia,
E na fé da victoria deſcançada
A vencedora Tropa ſe aplaudia;
Pelas caſas deſertas eſpalhada,
Onde a preza cedida recolhia,
Tordeſumos Valente Caſtelhano
Intenta reſarcir o grave damno.

XLIII.

Armado de armas fortes ſe apreſenta
Na bóca de huma rua, onde procura
Fazer formar a gente, que afujenta
Do ferro Portuguez a força dura,
E tanto brio, tanto zêlo oſtenta,
Que infundindo valôr na gente eſcura,
Naõ ſó ſuſpende o curſo da victoria;
Mas ameaça ouſado a Luſa gloria.

XLIV.

E lográra talvez os ſeus intentos,
Suppoſta a diſtracçaõ dos vencedores,
Que eſquecidos dos nobres ſentimentos,
Se empregavaõ do roubo nos horrores,
Se Rodrigues Varaõ de penſamentos
Alheios de cobiça, e dos melhores
Cavalleiros d'El-Rey, naõ acudira
A'quella parte, e os paſſos lhe impedira.

XLV.

Mas vendo o bom Rodrigues a arrogante
Soberba do Heſpanhol, e commovido
De hum impulſo de gloria mais brilhante,
Ou de cega paixaõ enfurecido,
Com geſto bravo, com feróz ſemblante
Elle ſó de armas ricas guarnecido,
Domando de hum ginete o féro alento,
Lhe vai fruſtrar o nobre penſamento.

XLVI.

Porque a bótes de lança furioſos,
Abatendo, ferindo, e deſtroçando
Quantos contrarios vê mais orgulhoſos,
Foi o paſſo das ruas franqueando,
E dos ecos dos golpes ruidoſos
Chamado o grande Rey vaõ fulminando
Ambos juntos taes mortes, e feridas,
Que ſaõ poucos deſpójos tantas vidas.

Acode

XLVII.

Acode o Commandante acompanhado
De toda a guarniçaõ ; mas aproveita
Pouco todo o valôr, todo o cuidado
Contra a furia do Rey, que naõ reſpeita
Nem armas, nem perigos, indignado
Da forte reſiſtencia, e que ſujeita
A Villa finalmente, que lhe cede
Sylva, e para Caſtella ſe deſpede.

XLVIII.

A noticia da grande novidade
Amotina de Braga os moradores ;
Toma as armas a gente da Cidade,
E com vozes confuſas, e clamores,
Gritando *Portugal*, e *Liberdade*
Ataca a guarniçaõ, que entre os horrores
De hum ſuſto repentino com deſvelo
Póde apenas ſalvar-ſe no Caſtello.

XLIX.

E ſendo ſem demora o Rey ſciente
Por aviſo do caſo ſuccedido,
E chamado do Póvo impaciente
A tomar o Caſtello defendido,
Manda Nuno com marcha diligente,
A ſuſtentar dos Luſos o partido,
Em quanto ſe diſpôem com mais prudencia
A render do Caſtello a reſiſtencia.

L.

Porém o grande Nunó, a quem parece
Facil qualquer empreza trabalhoſa,
E que ſempre nas armas reconhece
Favoravel a ſorte duvidoſa,
Entendendo que o caſo naõ merece
Taõ grande prevençaõ, com venturoſa
Ouſadia combate a fortaleza
Do Caſtello, que rende com preſteza.

LI.

E ſabido do Rey o bom ſucceſſo
Dos empenhos de Nuno, e que a fortuna
Se moſtrava, das armas no progreſſo,
A' conquiſta das Praças oportuna,
Vendo que da preſteza o vivo exceſſo
He das grandes emprezas a columna,
Sem mais perda de tempo a gente anima
Para reivendicar Ponte de Lima.

LII.

Era Lira da Praça Commandante
Cavalleiro valente, e reſpeitado
Por ſeu ſangue, e valór, mas arrogante
Por genio, e por coſtume; apaixonado
Partidario de Heſpanha, e taõ conſtante
Na ſua opiniaõ, que arrebatado
De hum exceſſo de zêlo reputava
Por infiel, quem de outra ſe prezava.

LIII.

E foi nelle taõ forte eſte conceito;
Que a peſar de branduras, e rigores;
Nem fez nelle o perigo algum effeito,
Nem promeſſas de graças, e favores;
Firme, duro, obſtinado, e ſem reſpeito
A' fortuna, e poder dos vencedores,
Só depois de abraſada a Fortaleza,
Cedeo em fim das chamas á braveza.

LIV.

Mas em tanto, que o Rey com maõ armada;
A Provincia do Minho ſubmettia
A' ſua dependencia, e reſtaurada
A gloria Nacional nella ſe via;
A Provincia da Beira, devaſtada
Pelas armas de Heſpanha, padecia
Graves damnos, e perdas importantes
Nas peſſoas, e bens dos habitantes.

LV.

A Diſcordia cruel ſe indroduzira
Nos coraçoens de Cunha, e de Coutinho
Capitaens da Provincia, em quem reſpira
Igual emulaçaõ; ſem que o viſinho
Perigo os concilie, ou que perſira
Algum delles, da gloria no caminho,
O ſerviço da Patria ameaçada
A' propria eſtimaçaõ mal regulada.

LVI.

Deſta ſórte ſem ſuſto, nem perigo
De alguma oppoſiçaõ, ou reſiſtencia,
A fereza, e cobiça do inimigo
Augmentava os exceſſos da inſolencia;
Mas Pacheco Varaõ de ſangue antigo,
De honra ſublime, e ſolida prudencia,
Em quem da Patria o zelo mais ſe accende
Impedir tanto damno em fim pertende.

LVII.

Governáva Ferreira, mas naõ tinha
Na fraca guarniçaõ daquella Praça,
O bom Pacheco a gente, que convinha
Para deſvanecer tanta deſgraça;
E ſabendo que o damno ſe aviſinha,
E que o juſto remedio ſe embaraça
Na cega competencia, que alimenta
Dos dois queixoſos a paixaõ violenta.

LVIII.

Com ambos igualmente ſe intereſſa
A fim de concorda-los; mas duvîda
Qualquer dos dois ceder, ſem que haja expreſſa
Satisfaçaõ da queixa pertendida;
E vendo, que a paixaõ feróz naõ ceſſa
De offuſcar da razaõ a lúz perdida,
A Cunha menos duro, ou mais prudente,
Aſſim fallou deliberadamente.

Se

LIX.

Se o publico intereſſe, ſe o cuidado
Da patria Liberdade, e ſe o receyo
Da ruina total do Luſo Eſtado
He dos voſſos deſvelos taõ alheyo,
Se hum cego pundonor, ſe hum triſte enfado,
Huma torpe ambiçaõ, e hum zêlo feyo
Da propria utilidade he ſó baſtante
A reger voſſo eſpirito arrogante.

LX.

Pelo menos a voſſa propria gloria,
A voſſa opiniaõ, e o luzimento
Deſſe brio, que tanto na memoria
Se horroriza de hum leve ſoffrimento,
Vos ſirva de incentivo em taõ notoria
Laſtimoſa occaſiaõ de abatimento;
E já que o patrio amor vos naõ inflamma,
Sirva o voſſo valor á voſſa fama.

LXI.

Os inſultos crueis, e feros damnos,
Que a Provincia padece á voſſa viſta,
Na ſoberba invaſaõ dos Caſtelhanos,
Sem que alguem ſe lhe opponha, ou lhe reſiſta,
A peſar da cegueira, e dos enganos
Deſſa altiveza vã, que vos maſquiſta,
Saõ mancha eſſencial da dignidade
Do voſſo nome, e voſſa qualidade.

Ini-

LXII.

Inimigos, e amigos igualmente
Accuſaraõ a voſſa paciencia
De cobarde temor, ou de indecente,
Suſpeitoſa, culpavel, negligencia;
E qualquer das ſuſpeitas triſtemente,
Baſta para deixar em contingencia,
Para ſempre das gentes na memoria,
Voſſa fé, voſſo alento, e voſſa gloria.

LXIII.

Ambos vós igualmente intereſſados
Sois no caſo preſente, igual injuria
Vos reſulta dos damnos tolerados,
Por falta de valor, ou por incuria;
E ſe hum ſómente os meyos adequados
Naõ tem para abater do riſco a furia,
Aquelle, que ſe eſcuſa em tal conflicto,
Inculca claramente o ſeu delicto.

LXIV.

Se entre vós, e Coutinho algum motivo
Há de queixa, deſgoſto, ou rompimento,
Tempo reſta a vingar; que hum peito altivo
Naõ perde taõ depreſſa o ſentimento:
Mas naõ ſirva a vingança de incentivo
A' vileza de hum torpe abatimento,
Que igualmente nos dois deixa manchada
A fama do valôr, e fé ſagrada.

Aſſim

LXV.

Assim fallou Pacheco, e convencido
O nobre Cunha das razoens forçosas,
Ou da propria virtude commovido,
Para abraçar idéas generosas,
Altamente protesta, que esquecido
Das passadas questoens escrupulosas,
Se ajuntará com toda a sua gente
A Coutinho, se disso for contente.

LXVI.

E suppondo Pacheco mais tractavel
A Coutinho, depois desta certeza,
Novamente com zelo incomparavel,
Intenta convencer sua dureza;
Mas a cega vaidade inexoravel
A's vozes da razaõ, e da nobreza,
Se obstina nos escrupulos altivos,
Que protesta com frivolos motivos.

LXVII.

Entre elles vê Pacheco claramente
A causa principal da repugnancia,
Procedida de hum susto impertinente
Sobre huma melindrosa circunstancia;
Receava Coutinho justamente
Ser mandado por Cunha, e na arrogancia
Do seu genio feróz, estes receyos
Frustravaõ da uniaõ todos os meyos.

Mas

LXVIII.

Mas informado Cunha do embaraço,
Que impede a concluſaõ deſte concerto,
E que ſuſpende totalmente o paſſo
A's providencias de taõ grave aperto,
Depois de reflectir hum breve eſpaço
Nos effeitos daquelle deſacerto,
Aſſim falla a Pacheco deſgoſtoſo
De ver fruſtrado o zelo generoſo.

LXIX.

Vós ſabeis a ventagem conhecida,
Que em Soldados, amigos, e parentes
Tenho ſobre Coutinho, e nem duvîda
Elle meſmo de abonos taõ patentes;
Mas ſe a ſua ambiçaõ mal dirigida
Só ſe agrada das honras apparentes
De Chefe principal; eu me ſujeito
Pela Patria a ceder-lhe o meu direito.

LXX.

Com tanto que ſe logre o grande intento
De ſalvar a Provincia, eu naõ procuro
Outra gloria, nem tenho ſentimento
De perder eſſas honras; bem ſeguro
De naõ ſer menos nobre o penſamento,
Que me leva a ſervir Soldado eſcuro
No perigo commum, do que a grandeza,
A que aſpira Coutinho neſſa empreza.

Aſſim

LXXI.

Assim disse o bom Cunha, e dissipada
A disputa fatal, sem mais demora
Se dispõem cada qual com mão armada
Para a vingança, que a Provincia implora;
Porque a Tropa inimiga confiada
Nas tristes dissençoens, que não ignora,
Assolada Vizeu, se recolhia
Acompanhando a preza, que trazia.

LXXII.

E sem susto de alguma resistencia,
Pela estrada marchava de Trancoso,
Augmentando os estragos da violencia
Com sacrilegios de hum horror pasmoso;
Mas dos Lusos Varoens a diligencia,
Animada do zelo glorioso,
Meya legoa da Villa lhe prepara
O justo premio da impiedade avara.

LXXIII.

Porque unidos os fortes Cavalleiros
Com todos seus amigos, e parentes,
Alguns poucos Soldados, mas guerreiros,
Alguns pobres paizanos, mas valentes,
Os contrarios atacão taõ ligeiros,
Taõ ferozes, taõ vivos, taõ ardentes,
Que de hum prompto combate nos horrores
Saõ mais os mortos, do que os vencedores.

Quasi

LXXIV.

Quaſi naõ reſta quem dos féros damnos
Vá dar parte a Caſtella; taõ notoria
Foi a perda fatal dos Caſtelhanos,
Taõ complecta dos Luſos a victoria;
Apenas de ameaços taõ tyranos
Os deſpójos ficáraõ por memoria
Dos terriveis horrores do perigo,
E dos bravos effeitos do caſtigo.

LXXV.

Mas já do Rey tyrano a permanente
Obſtinada ambiçaõ, mal reprimida
Nas paſſadas deſgraças, novamente
De numeroſas Tropas prevenida
Nas fronteiras ſe moſtra; cegamente
Contra a Luſa conſtancia enfurecida,
Ameaçando eſtragos mais funeſtos
Com ſignaes de rigor mais manifeſtos.

LXXVI.

Havia convocado á guerra injuſta
O fero Rey, naõ ſó dos ſeus Eſtados
A melhor Tropa, a gente mais robuſta,
Mas hum grande ſoccorro de Alliados;
Aſſim debaixo da bandeira auguſta
Da ſoberba Caſtella congregados
Varoens ſe viaõ de alta confiança,
Naõ ſó de Heſpanha toda, mas de França.

Alli

LXXVII.

Allî entre os primeiros ſe moſtrava
O Marquêz de Vilhena commandando
A gente de Caſtella, em quem durava
O vivo affecto á prole de Fernando:
Oito mil combatentes animava
De notorio valôr, acreditando
No zêlo, e promptidaõ a fama nobre,
Que a vaidoſa arrogancia naõ lhe encobre.

LXXVIII.

Junto deſte Toledo apparecia,
Eſperança ſegunda de Caſtella,
Que o ſeu nome da Patria deduzia,
E da Patria a liſonja era mais bella;
Sinco mil Caſtelhanos conduzia
Do Toletano Reyno, e ſe deſvela
Em moſtrar, que naõ he Caſtella-Nova
Menos forte, que a Velha a toda a prova.

LXXIX.

Depois deſtes ſe vêm os Leonezes
Precurſores primeiros do caſtigo
Da Mauritana gente, a quem mil vezes
Rendêraõ com valor em tempo antigo:
Mil Soldados contavaõ ſinco vezes,
Homens bravos, ſem ſuſto do perigo,
A quem o fórte Sandoval mandava,
Que em forças corporaes ſe avantajava.

Logo

LXXX.

Logo depois ſe vêm os habitantes
De Vandalia, Paîz ſempre fecundo
Em cavallos ligeiros, e arrogantes
Conhecidos por bons em todo o Mundo;
Eraõ ſeis vezes mil Varoens conſtantes
De valôr grande, de ſaber profundo
No militar officio, a quem regîa
Arelhano, que a terra já ſabia.

LXXXI.

Com eſtes vem os claros moradores
Da Patria do bom Canio, taõ famoſa
Pelas duas columnas, que louvores
Saõ da fama de Alcides glorioſa;
Oito centos ſe contaõ, ſoffredores
Do trabalho, e fadiga rigoroſa,
Taõ expertos no mar, como na terra,
Déſtros para o commercio, e para a guerra.

LXXXII.

Depois deſtes marchava a féra gente
De Cantábria, que rege Maldonado,
Gente feróz, de genio impaciente
Com braço a duro ferro coſtumado,
Seis mil Soldados ſaõ Tropa valente,
Que de obras mais, que vozes tem cuidado;
Com quem de Guipuſcoa, e das Aſturias,
Vem os Povos provar de Marte as furias.

Pou-

LXXXIII.

Pouco depois Sarmento ſe diviza
Conduzindo tres mil, e ſetecentos
Habitantes do Reyno de Galiza,
Terra de homens groſſeiros, e avarentos;
Terra que ſó na fama ſe eterniza
Dos illuſtres antigos monumentos,
Que a tradiçaõ conſerva, ſem eſtrago
Das reliquias do Grande Santiago.

LXXXIV.

Alem deſtes, naõ poucos Cavalleiros
De Catalunha, de Aragaõ, e França,
Em qualidade ſó d'aventureiros
Augmentavaõ do Campo a ſegurança;
De Ric hum bom Francêz, e dos guerreiros
De mais fama, mais alta confiança,
Era ſeu Capitaõ, e delles conta
Mil Eſtrangeiros, gente ouſada, e prompta.

LXXXV.

Nem faltaõ Portuguezes, que eſquecidos
Do zêlo Nacional, da gloria clara
Do nome Portuguez, e dos luzidos
Troſêos, que a fama antiga conſagrara,
Por errados principios conduzidos,
De affectos varios, de cobiça avara,
Contra a Patria ſe oſtentaõ furioſos,
Obſtinados, ingratos, e orgulhoſos.

Taes

LXXXVI.

Taes saõ os dois Pereyras, indecentes
Irmaons do grande Nuno; os mal seguros
Azevedos, e Castros; os ardentes
Bottelhos, e Ataídes; os perjuros
Porcalho com Doutel; os descontentes
Oliveiras, e outros mais escuros,
Que por seu Capitaõ reconheciaõ
O Conde de Barcellos, que seguiaõ.

LXXXVII.

Desta gente, e de alguma menos fórte;
Mas em numero grande acompanhado
O Rey feróz, tentar de novo a sórte
Das armas determina, aconselhado
Da raiva, e da ambiçaõ, que estrago, e morte
Annunciaõ em todo o Luso Estado,
A quantos a favor da Liberdade
Ostentavaõ do zêlo a dignidade.

LXXXVIII.

Assim vai pela Beira devastando
Campos, Cidades, Villas, e Lugares;
Da natureza as leys sacrificando
A' licença das furias militares;
E da Beira os limites franqueando,
A pesar dos clamores populares,
Já do estrago tyrano a frente dura
Na Provincia se vê da Estremadura.

Mas

LXXXIX.

Mas o Rey Portuguez, que naõ conhece
Nem ſuſto, nem fadiga, e que procura
Moſtrar que deſempenha, e que merece
A diſtincçaõ da Regia Inveſtidura,
Mais ligeiro, que o rayo quando deſce
Precipitado da officina eſcura,
Deſde as margens do Lima vem voando
A's do Tejo, o remedio anticipando.

XC.

E chegado de Abrantes á campina,
Onde os ſeus Capitaens juntar mandára,
Alli paſſar reviſta determina
A' gente, que a ſervi-lo ſe prepara;
O bom Nuno, que já ſe denomina
Condeſtavel, e ſempre ſe moſtrara
O mais fiel, conduz tres mil ſoldados
A vencer Caſtelhanos coſtumados.

XCI.

De outros tantos o Rey ſe acompanhava,
Gente forte, fiel, e bellicoſa,
Que animada, e diſpoſta ſe moſtrava
Para qualquer empreza duvidoſa;
Gente eſcolhida, gente que zelava
Do proprio nome a fama já luſtroſa,
Gente que aliſta o zêlo, o amor, o brío;
Em quem naõ tem poder o medo frio.

Outros

XCII.

Outros dois mil conduz o forte Almada;
Soldados novos, feros, e arrogantes,
Que em defenſa da Patria ameaçada
Das Provincias concorrem mais diſtantes;
Quaes da ſerra da Lua celebrada,
Quaes dos montes Herminios habitantes,
Quaes das margens do Tejo, qual viſinho
Do Douro, do Sabor, Mondego, e Minho.

XCIII.

Mil conduz Vaſconcellos, eſcolhidos
Dos mais altos, mais bravos Cavalleiros;
Que de viſtoſas armas guarnecidos,
Em qualidade vem de aventureiros:
Todos ſaõ por façanhas conhecidos
Entre a turba famoſa dos guerreiros,
E das Damas no culto taõ verſados,
Que a tropa ſe chamou dos namorados.

XCIV.

Deſtes muitos com raro atrevimento
Arrogantes promeſſas conſagráraõ
A' fama do ſeu nome, e o cumprimento
Com temerarios votos abonáraõ:
Algumas diſſipou o leve vento,
Mas outras com rigor ſe executáraõ,
Sendo do nobre Mello a mais famoſa,
Poſto que foſſe menos venturoſa.

Era

XCV.

Era Mello mancebo bem diſpoſto,
De idade juvenil, de genio vivo,
De elegante eſtatura, alegre roſto,
De força naõ vulgar, de peito altivo;
Seguia por amor, por zelo, e goſto
O novo Rey, ſervindo de incentivo
A' força natural dos ſeus ardores
A memoria dos ſeus anteceſſores.

XCVI.

E cego da paixaõ; ou mal guiado
Dos impulſos da propria confiança,
Prender o Rei contrario vota ouſado,
Ou fazer-lhe provar a dura lança:
O ſucceſſo pendia ſó do fado,
Que tanto a força humana naõ alcança;
Porém Mello julgava, que podia
No Campo executar quanto emprendia.

XCVII.

O Luſo Rey ſabendo que chegava
A Leiria o ſoberbo Caſtelhano,
E que ſobre Lisboa deſtinava
O mais funeſto, mais horrivel damno,
Como provar no Campo deſejava
Da voluvel fortuna o deſengano,
De Abrantes ſobre Ourém volta ligeiro,
E pela eſtrada marcha em tom guerreiro.

XCVIII.

Duas leguas diſtante de Leiria
O campo Portuguez em fim ſe aſſenta,
E nas moſtras de goſto, e de alegria,
Da victoria o prefagio a gente oſtenta:
Capitaens, e Soldados á porfia
Eſtimúla o valor, o zelo alenta,
E cada qual nas moſtras da arrogancia,
Abona de alvoroço a circunſtancia.

XCIX.

Mas quando com mais zêlo, e diligencia
Se diſpunha do campo a formatura;
E das tendas com ſabia providencia
Se ordenava a ſingella architectura;
Hum pequeno ſucceſſo, que apparencia
De notavel ſô tem na conjunctura
Dos acaſos, de novo a confiança
Accreſcenta do povo na eſperança.

C.

Hum Gamo de grandeza extraordinaria
Se levanta no meyo dos guerreiros,
E com leve carreira incerta, e varia,
A' paleſtra convida os Cavalleiros;
Seguem muitos com furia temeraria
Do veloz animal os pés ligeiros;
Mas elle á Regia tenda em fim ſe atreve,
Onde a vida rendeo a golpe breve.

CI.

A turba popular ſempre diſpoſta
A contemplar ſucceſſos portentoſos,
Os caſos naturaes; e que ſó goſta
De ideas vans, conceitos eſpantoſos,
Crê que a ſorte figura a gente oppoſta
No rendido animal, e que os ditoſos
Progreſſos do Rey Luſo annunciados,
Com eſte caſo, eſtaõ dos altos fados.

CII.

Com eſte vaõ conceito ſe accreſcenta
O natural ardor da tropa forte,
A quem o fanatiſmo repreſenta
Já certa da victoria a clara ſorte:
Qual de vencer ſómente ſe contenta
O Caſtelhano Rey, qual dar-lhe a morte,
Ou prende-lo imagina; mas notoria
He na mente de todos a victoria.

CIII.

Neſte tempo ſe deixaõ ver diſtantes,
Mas claramente as armas Caſtelhanas,
Com que de novo os peitos arrogantes
Se alvoroçaõ das tropas Luſitanas:
O grande Rey, que effeitos importantes
Sabe tirar das couſas mais inſanas,
Em quanto o fanatiſmo o povo agita,
Aſſim lhe falla, aſſim os ſolicita.

CIV.

Valentes Portuguezes, companheiros
Da minha ſorte, dignos camaradas
Dos meus trabalhos, filhos verdadeiros
Da Patria, que em diſputas deſgraçadas,
Entre a torpe ambiçaõ dos Eſtrangeiros,
E paixoens nacionaes intereſſadas,
Só em vós, ſó na voſſa heroicidade
Acha o zêlo da antiga liberdade.

CV.

Vós me elegeſtes Rey, por voſſo amparo
Sacrifico o meu ſangue, a vós compete
Ajudar-me a romper o laço avaro,
Que a ſoberba Caſtella nos promette:
O dia em fim chegou, que o Ceo preclaro
O deſtino da Patria nós commette;
Do noſſo braço pende a fatal ſorte
Da doce liberdade, ou grilhaõ forte.

CVI.

A grande multidaõ dos inimigos
Nos naõ deve cauſar eſpanto, ou ſuſto,
Pois já mais deſde os tempos mais antigos
Triunfou Portugal a pouco cuſto:
A vantagem mais certa nos perigos,
Da força ſó provém de hum peito juſto;
Nós vamos defender a propria terra,
Elles vem-lhe fazer injuſta guerra.

CVII.

Eu naõ quero de vós mais sacrificio,
Que o mesmo, que eu preparo á gloria pura
Do nome Portuguez, em beneficio
Da patria liberdade mal segura;
Todos vós já das armas no exercicio
Tendes usada ao ferro a dextra dura,
Todos bravos, e fortes vos contemplo,
Mas siga cadaqual o meu exemplo.

CVIII.

Disse; e logo por todos os soldados,
Hum pequeno susurro precedendo,
Respondido lhe foi com altos brados,
Que se morresse, a Patria defendendo;
E sem perder instante, os alentados
Alvoroços da tropa conhecendo,
Faz signal de investir o Rey valente,
E conduz á batalha a brava gente.

CIX.

Ouvio naquelle dia, a vez primeira,
Portugal, entre assombros temerosos,
Do salitrado enxofre a voz grosseira,
Do metal duro os ecos pavorosos;
Espanto fez á gente mais guerreira
Ver em novos inventos bellicosos,
Os trovoens no ruido copiados,
Nos effeitos os rayos imitados.

Mas

CX.

Mas a peſar do eſpanto, e dos perigos,
A peſar das vantagens exceſſivas
Do numero mayor dos inimigos,
As Luſas Quinas voaõ vingativas;
Já mais ſe ouviraõ nos annaes antigos
Das Campanhas de Troya, ou nas eſquivas
Guerras do Lacio, golpes mais valentes,
Que os das lanças dos Luſos combatentes.

CXI.

Mais de mil Cavalleiros derribados
Pelo campo rodando, vaõ feridos,
Outros tantos cavallos desbocados
Sem dôno vaõ fugindo confundidos;
Peitos abertos, roſtos mutilados,
Pernas quebradas, braços divididos
Se vêm, com triſte horror por toda a parte,
Sacrificio cruel do duro Marte.

CXII.

O grande Nuno, Achilles Luſitano,
Que na frente da Tropa ſe moſtrava
Mais faminto do ſangue Caſtelhano,
Ou mais cheyo do zêlo, que inculcava;
O deſtrôço, a ruina, o eſtrago, e o damno
De ſeu braço pendentes oſtentava,
Onde quer que a fortuna o conduzia,
Ou que a dura vingança o compellia.

Da

CXIII.

Da ſella faz voar tres Cavalleiros,
Antes que a lança rompa, e fulminando
A coruſcante eſpada, oito guerreiros
A ſeus pés proſtra, as vidas exalando;
E com golpes peſados, e ligeiros
O terrivel caminho franqueando,
Por entre os eſquadroens dos inimigos
Vai ſemeando mortes, e caſtigos.

CXIV.

Na direita do Campo ſe deſcobre
Vaſconcellos, naõ menos valoroſo,
Que animado de ardor naõ menos nobre,
Igualmente ſe moſtra furioſo;
E deſpreſando altivo o peito pobre
Dos Soldados do vulgo temeroſo,
Os Capitaens mais claros ſó procura,
Em quem prova impaciente a força dura.

CXL.

A's ſuas maons as vidas entregáraõ
Oropeza, Marzuello, e Mondonedo,
E mal feridos dellas eſcapáraõ
Salivieres, Servantes, e Toledo;
Nem contra o ſeu furor aproveitáraõ
As vaidades do bravo Reboledo,
Que ouſando provocar o Varaõ forte,
De hum golpe recebeo a triſte morte.

Pe-

CXVI.

Pela eſquerda ſe moſtra o nobre Almada,
Iguaes brios, e forças oſtentando,
Com a voz, com a lança, e com a eſpada
Os biſonhos mancebos animando;
A ſeus pés mal ferido cahe Lozada,
Salazar, Eſcovar, e Vilalpando;
E ſem fuſto, ou temor, ſe arrôja ardente
Por entre as armas da contraria gente.

CXVII.

Accende-ſe a peléja, e confundidos
Se ouvem por toda a parte entre a poeira
Golpes, clamores, gritos, e gemidos,
Do triſte Averno copia verdadeira:
Huns mortos ſobre a terra, outros feridos,
Aqui hum elmo, alli huma bandeira,
Além rôtas ſe vêm inſignias varias,
Diviſas vans, emprezas temerarias.

CXVIII.

Aqui cedem as armas Caſtelhanas
A' furia das feridas, allî cedem
A' vantagem da gente as Luſitanas,
Que os empenhos do brio mal impedem;
Ora creſce o temor, ora as ufanas
Eſperanças da gloria lhe ſuccedem,
E ſe alternaõ com lances repetidos
A eſperança, e temor nos dois partidos.

Nas

CXIX.

Nas partes onde anîma, e fortalece
A preſença dos Reys os ſeus Soldados,
Cada qual a vantagem reconhece,
A peſar dos contrarios esforçados;
Mas o Chefe dos Luſos, que eſcurece
Em valôr os preſentes, e paſſados,
Com mais altas acçoens ſe ſolemnîza,
E nos écos da fama ſe eterniza.

CXX.

Elle meſmo combate os mais famoſos,
Mais bravos Capitaens, e Cavalleiros,
E do ſeu ferro os golpes furioſos,
Saõ os ſuſtos majores dos guerreiros;
Elle enſina com paſſos valoroſos
Os caminhos da gloria verdadeiros,
Elle abate, deſtróça, fere, e mata,
Deſconcerta, arruina, e desbarata.

CXXI.

Qual na ſêca eſtaçaõ do Eſtio ardente
O déſtro ſegador com maõ robuſta
Abate da ſeara a loura frente,
A que o curvo inſtrumento attento ajuſta;
Tal no Campo Mavorcio o Rey valente,
A quem perigo algum já mais aſſuſta,
Com dura maõ cabeças inimigas
Abate, e corta com crueis fadigas.

Guti-

CXXII.

Gutierres, com Mendoça o féro alento
Quaſi juntos rendéraõ; cahe ferido
De hum furioſo golpe o bom Sarmento,
A quem ſegue Godoi moço atrevido;
Nem teve melhor ſórte o bravo intento
De Manrique, que havendo pertendido
Ferir o fórte Rey, de hum golpe ouſado
Foi por elle com morte caſtigado.

CXXIII.

Tovar, Hortiz, Gonzales, e Bertando,
Valaſques, e outros mais, de quem o duro
Longo tempo as memorias devorando,
Deixou na lúz da fama, o nome eſcuro:
Por ſeu braço rendidos vaõ deixando
Neſta parte o caminho mais ſeguro
A' victoria, que já do Rey valente
Com verde rama adorna a clara frente.

CXXIV.

Mas onde o grande Nuno combatia,
Muito diverſa a ſorte ſe moſtrara;
Porque a fama da ſua valentia
Allî mais inimigos ajuntára;
O Rey contrario allî com mais porfia
Os mais fórtes guerreiros convocára,
E com ſua preſença havia poſto
O grande Nuno em riſco de deſgoſto.

Com

CXXV.

Com eſte aviſo o Rey dos Luſitanos
Corre prompto a ſalvar o charo amigo,
Sacrificando os louros mais uſanos
A' goſtoſa eſperança do caſtigo;
Allî de novo os odios mais tyranos,
Os mais certos horrores do perigo,
A raiva, a furia, os damnos, e feridas
Se repetem com furias mais creſcidas.

CXXVI.

Caſtelhanos, e Luſos triſtemente
Huns ſobre outros em montes vaõ cahindo;
Os Reys ambos em fórma competente,
A braveza nos ſeus vaõ influindo;
Mas do Luſo Monarca a maõ potente,
Donde os golpes mortaes partem rugindo,
Tantas mortes fulmina, em breve eſpaço,
Que rompe da porfia o cego laço.

CXXVII.

Alli perdem as vidas mal logradas
Os mais altos, mais bravos Cavalleiros,
Que de Caſtella as armas deſgraçadas
Neſte dia ſeguiraõ liſonjeiros;
E vendo o Rey de Heſpanha já proſtradas
As forças principaes dos companheiros,
Por ſalvar ſua vida as coſtas volta,
E ſe auſenta fugindo à redea ſolta.

Porém

CXXVIII.

Porém o bravo Mello, que intentava
Cumprir o grande voto, que fizera;
E para o triſte Rey ſe aviſinhava
Sobpeſando na maõ a lança fera;
Vendo como do Campo ſe apartava
Com marcha mais veloz, do que quizera;
Ardendo em chamas vivas de honra illuſtre;
Quer que a nobre promeſſa ſe naõ fruſtre.

CXXIX.

Sobre hum bruto ligeiro, que regia,
Atraveſſando o Campo dos contrarios,
Elle ſó huns matava, outros feria,
Dando golpes crueis, e temerarios;
Mil feridas, paſſando, recebia,
Mil eſtorvos achava, e riſcos varios;
Mas elle firme ſempre em ſeu projecto,
A morte ſó do Rey tem por objecto.

CXXX.

Athé que em fim chegando, onde apreſſado
Fugia o triſte Rey da certa morte,
De infinitos dos ſeus acompanhado,
Que eſcapáraõ das iras de Mavorte;
Sendo Mello por todos rodeado,
A peſar do valor do braço forte,
Entre eſpantos da turba eſpavorida,
Cançado de matar, perdeo a vida.

Ditoſo

CXXXI.

Ditoso, se da fama nos altares,
Póde ser sacrificio de algum vulto,
Entre o fumo de encensos naõ vulgares,
Do meu pletro sincero o puro culto:
Por elle entre os arrojos militares,
Gozará Mello de immortal o indulto,
E lhe será talvez de alguma gloria
Dever ao proprio sangue esta memoria.

CXXXII.

Em tanto Sandoval com bravo alento
Sustentava a batalha duvidosa,
Animando com digno atrevimento
Os empenhos da gente temerosa;
Mas levado do louco pensamento
De querer com disputa ambiciosa
Oppor-se ao Luso Rey, de hum golpe duro,
A clara vida entrega ao sono escuro.

CXXXIII.

Com sua morte, e sendo geralmente
A fugida do triste Rey notoria,
Se desanima a Tropa, e claramente
Favorece a fortuna a Lusa gloria;
O campo larga em fim a estranha gente,
Vence o Rey Lusitano; e esta victoria
Lhe confirmou a Regia dignidade,
E deu a Portugal a Liberdade.

FIM.

O Autor deſte Poema, dezejando que elle naõ padeceſſe muita alteraçaõ na imprenſa, eſcolheo a da Univerſidade de Coimbra para poder aſſiſtir peſſoalmente á impreſſaõ, e poz todo o cuidado para evitar-lhe os erros; mas elle ſe naõ liſongea de conſeguir o ſeu dezejo: Os deſcuidos ſaõ quazi inevitaveis em huma compoſiçaõ dilatada, a peſar de todo o deſvelo dos officiaes, e de quem revê o ſeu trabalho; e a incoherencia da Orthografia Portugueza he hum embaraço terrivel. A Officina da Univerſidade tem adoptado a do Madureyra, e foi perciſo acomodar a ella, naõ obſtante a ſua inconſequencia, e a impertinente multiplicidade de letras inſignificantes de que uſa: Os leitores ſabios deſculpem eſte irremediavel defeito, e ſupraõ os outros com as luzes da ſua inteligencia.